

DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA ESCOLA DOMINICAL⁽¹⁾

Revda Blanches de Paula

Os desafios devem ser encarados como um processo de aprendizagem e não como barreiras. As oportunidades surgem a partir do momento que encaramos os desafios como momento de crescimento. Desafios e oportunidades são expressões que caminham juntas. Ambas completam-se no decorrer de nossa aprendizagem e vida. Alguns destaques deste processo pedagógico-cristão são feitos abaixo:

1- Fontes de nossa educação cristã

a) Bíblia e Tradição

A Bíblia inspira nossa educação cristã que começa a partir das necessidades das pessoas e não de uma visão unilateral da vida. Há um desafio de dialogar com o texto bíblico que nos leva a um comprometimento com o que lemos e estudamos a partir da Bíblia.

Em relação a Tradição, esta deve ser encarada como testemunhos estimuladores e experiências sistematizadas de nossos irmãos/ãs do passado. Ambas estão sintetizadas no pensamento do Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann

Queremos uma nova Escola Dominical, mais dinâmica, mais participativa, mais bíblica. Embora venhamos a estudar também a história e as doutrinas Metodistas, o faremos por entender que a nossa história e tradição doutrinária são uma forma de continuação da história bíblica, e nossa tradição doutrinária uma das excelentes sínteses da doutrina bíblica.

(2)

b) Fé e desenvolvimento humano

Necessitamos saber sobre nossas sementes, nossas bases, nosso chão. Entre Bíblia, Tradição e as pessoas, existe a fé, que é um dos elos que os une. Mas é importante destacar que há uma intrigante relação entre a fé e o desenvolvimento humano. Uma teoria do desenvolvimento humano não é difícil de ser encarada por meio de estágios, pois ela trata essencialmente de analisar a vida humana tendo como um dos pressupostos o tempo e a idade humana. Mas a expressão "estágios da fé" pode causar certa estranheza. É necessário, portanto esclarecer que os estágios da fé, não são formas de medir a fé das pessoas nem avaliá-la. Incluídas neste contexto, a experiência, a vida, a comunidade têm uma relevância muito significativa, pois é no contato com a realidade, que a fé será retrabalhada para proporcionar ao humano uma visão mais profunda, terapêutica e doadora de si mesma.

Para se falar de fé, ressaltamos o pensamento de James Fowler (3) e John Westerhoff(4). É necessário ter em mente uma premissa básica: a fé ligada às perguntas sobre a vida e as interações criadas por ela. Partindo disto, fica claro que a fé está ligada às indagações de toda sorte: valores, amor, ação, medo, temor, relações, esperanças, comprometimento, imaginário (sobre o bem e o mal).



Assim a fé, deve ser vista no interior das relações, na percepção e apreensão de quem é Deus para nós. Westerhoff nos traz uma visão muito didática sobre a fé. A mesma pode ser muito pedagógica para a Escola Dominical:

Fé percebida – Inicia-se na relação com o outro;

Fé associativa - Momento de aprendizado, sistematizado e socializado fora da casa;

Fé interrogativa - Criar a partir dos desafios, do experimentar, do cria-ativar

Fé integrada - Prática integrada com nossos relacionamentos e projeto de vida à luz do Reino de Deus. (5)

c) Experiência e Aprendizado

A Escola Dominical deve ser espaço para nutrir a vida, considerando as experiências e aprendizagens das pessoas. Este procedimento está ligado à fonte que dá sentido à vida. “A Igreja, como qualquer outra instituição, educa através de tudo o que faz e deixa de fazer, através do que ela diz e daquilo que nela é silenciado” como afirmou Streck.(6)

2- Espaço- comunidade

É importante lembrar o que significa viver em comunidade educadora.

Basicamente há três pontos a compartilhar:

- Memória e tradição;
- Compreensão e modo de vida;
- Metas e propósitos conjuntos

Segundo Fischer(7) “os grupos que sobreviverão aos desafios do presente tempo estão muito ligados ao como dar testemunho de sua fé e razão de sua existência”. Portanto é indispensável valorizar a história das pessoas e da comunidade – desenvolvimento de uma pedagogia histórico-cristã.

3- Pessoas

Há desafios urgentes na área de relacionamentos e conseqüentemente ética cristã e portanto, é preciso um envolvimento mais amplo da comunidade e da visão docente do pastorado na Escola Dominical.

A relação professor/a e aluno/a, deve ser visualizada em três dimensões:

- Intelectual (o cognitivo)
- Emocional (o afetivo)
- Espiritual (relação da pessoa com Deus)

Necessitamos enfrentar nossa tendência ao individualismo e de “fazermos” a educação cristã a partir de uma visão única da mesma.



4- Metodologia

O modo como ensinamos depende do que pensamos sobre o que as pessoas sabem; não podemos corrigir nossa pedagogia até que nossa forma de conhecer seja transformada. É necessária uma valorização do currículo oculto. Adaptando o pensamento de Leonildo Silveira⁽⁸⁾ pode-se afirmar que:

Educar não mais para a interiorização de doutrinas e sim para uma vida capaz de se auto-transformar alterando o mundo no qual ela se insere;

Educar para uma maior fidelidade ao Reino de Deus e não para uma simples e fácil fidelidade de membresia denominacional. Ao mesmo tempo é indispensável o referencial de quem somos como metodistas

Educar para a criatividade no culto, na transmissão de fé e no comportamento social, superando-se a mera reprodução de atitudes julgadas corretas pelas gerações anteriores;

Educar os cristãos para opções por projetos de transformações sociais e não somente para opções individualistas.

5- Linguagem e Interpretação

A relação entre linguagem e a interpretação é um dos grandes desafios de nossa Escola Dominical. Nossas linguagens são mais amplas do que tem sido verbalizado em nossos conceitos. Há uma demanda muito grande nesta área, no desafio da produção de material, mas também na sua interpretação. Temos de ter uma interpretação processual a partir dos sentidos e não pontual.

6- Educação Cristã e Escola Dominical

É necessária uma “conversão” contínua à educação cristã. Dentro desta visão, Danilo Streck⁽⁹⁾ expõe três significados para a educação cristã:

Atividade da igreja para a igreja;

Atividade educativa realizada dentro e a partir de uma perspectiva cristã;

Compromisso mais abrangente pela educação de todos os cidadãos e cidadãs;

Para Mathias Preiswerk⁽¹⁰⁾, a educação cristã vai além de uma atividade voltada para o bem-estar e a manutenção da comunidade ou da Igreja. Ela tem como finalidade última um aprender a aprender que se compromete de maneira “radical” com a transformação da sociedade. Há, portanto, para estes autores três maneiras de exercer a educação cristã:

Educação cristã formadora;

Educação cristã evangelizadora;

Educação cristã transformadora;



Estas três expressões da educação cristã são fundamentais para a construção de uma comunidade que se educa para educar para a boa-nova.

7- Escola Dominical e Alegria

É necessário rever nosso conceito de boa-nova. O Evangelho que renova a vida necessita de nos trazer mais prazer naquilo que fazemos e como fazemos. Neste sentido é importante refletirmos e recriarmos nossa auto-estima em relação às nossas capacidades e produção de material.

8 - Formação continuada de professores/as de Escola Dominical

Promover a capacitação de professores/as de Escola Dominical para novas áreas de atuação. Neste sentido é urgente inserirmos o caráter interdisciplinar e também criarmos um programa nacional de formação continuada para professores/as de Escola Dominical, incluindo nossas instituições de ensino.

Afirmações estimuladoras para uma educação cristã criativa

- **A construção do saber** se pauta muito mais por uma visão processual do que pontual. No processo podemos nos apaixonar pela alegria da descoberta e acrescentar dia após dia uma dose de esperança. Reconhecer que somos humanos talvez seja uma das maiores riquezas que a educação cristã nos expõe. Como humanos estamos continuamente em aprendizagem!
- **Alegria** é uma das pilstras na vida das pessoas que não se contentam com a rotina do tempo. Uma das alegrias que encontramos na caminhada são pessoas que se arriscam a aprender. Aprender é um misto de prazer e frustração, descoberta e desencontros...Estes “aprendimentos” são nobres quando tiramos dele o tesouro que sedimenta e nos identifica como humanos.
- **História e biografia** são parceiras fiéis e alpendre de quem olha para a vida com profundidade. Ambas são inspirações temporais e atemporais de marcas que pretendemos deixar em nossa vida. Alçar vôos altos pode tornar-se um alvo digno e sábio quando lembramos que para este risco não saímos do chão. Esta é uma educação do respeito à vida.
- **Super- ação e agil-idade** são vocábulos encontrados na vida de pessoas que “mergulham” no que constroem. São pessoas que criaram para si o “costume” de educar-se para educar o outro (se isto for possível). Há um (ou vários) contentamento(s) pautado(s) no inacabado. Este se torna uma soma das vivências lúdicas que constroem o saber e nos faz sentir vivos...
- **Boa Nova e educação cristã** - o conceito de Deus para cada um de nós tem que ter parâmetros de convivência à luz do que nos dá sentido. Nossa referência tem de ser a de Jesus como mestre.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



BIBLIOGRAFIA UTILIZADA E INDICADA (Básica)

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo, Ars Poética, 1994.
- ALVES, Rubem. *Estórias de quem Gosta de Ensinar*. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1984.
- ASSMAN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação. Epistemologia e Didática*. Piracicaba, Unimep, 1996.
- AUTORES DIVERSOS. *Como Treinar Jovens*. Campinas. Jumoc, 1995.
- BIFF, Sonia, CHIARO, Rosabel De. *Caminhos de encontro e descobertas: dinâmicas e vivências*. São Paulo: Paulus, 1998. (Coleção dinâmicas).
- BITTENCOURT, José Eduardo, SOUZA, Sérgio Jeremias. *Como fazer dinâmicas: para catequese, homilias, encontros e palestras*. 4. ed. São Paulo: Edições AM, 1994.
- BOLTE, Chuck, MCCUSKER, PAUL. *Peças rápidas e quebras-gelos*. São Paulo: Vida Nova, 1989
- BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar!* Santos: Projeto Cooperação, 1997
- BROWN, Guillermo, *Jogos cooperativos: teoria e prática*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- CONSTATINO.Z. *Educação Cristã na Igreja Metodista: como dinamizá-la*. Rio de Janeiro, Bennett, 1997
- CAMPOS, L. S. *Reflexões sobre a identidade da educação religiosa cristão do protestantismo brasileiro*, Encontro de Docente de Educação Cristã dos Seminários Teológicos – Astec/Celadec, São Paulo, 1990.
- CELADEC, Cadernos de Estudos no 26 (vários), *Educação Cristã: um diálogo entre Teologia e Pedagogia numa perspectiva latino-americana*, Curitiba, Celadec, 1991.
- CÉSAR, E.E.B. *A prática pedagógica de Jesus. Fundamentos de uma Filosofia Educacional*, Piracicaba, Agentes da Missão, 1991.
- COELHO, Maria Josefina Rodrigues e outro. *Comunidade Criativa. Fazer brincando*. São Paulo, Paulinas, 1985
- FISCHER, G. *Educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade*. São Leopoldo. Sinodal, 1998.
- FOWLER, J. Estágios da Fé. *A psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca do Sentido*. São Leopoldo, Sinodal, 1992.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997, 6ª Edição.

GROOME, TH. *Educação Religiosa Cristã. Compartilhando o nosso Caso e Visão*. São Paulo, Paulinas, 1985

GUIMARÃES, A.M. *Dinâmicas Criativas para Escola Dominical e Igreja Local*. Belo Horizonte, Ephata, 1998.

HAYDT, R.C.C. *Curso de Didática Geral*. São Paulo, Ática, 1998.

HÜFNER-KEMPER, Bárbara, SIMEONE, Maria Inês. *Jogos e brincadeiras para a paz*. São Bernardo do Campo: EDITEO, 1992. (Série trabalhando com crianças, 1)

IECLB. Departamento de Catequese. *Pedagogia de Jesus*. São Leopoldo, 1988.

JAHREISS, I.M. *Métodos e Prática de uma educação participativa*. Igreja Metodista-REMNE. Recife, 1999.

_____. *Venha cá, vamos brincar*. Igreja Metodista - REMNE, Recife, 1999.

JUNQUEIRA, S. *O desenvolvimento da experiência religiosa*. Petrópolis, Vozes, 1995.

KLEIN, Remi e outros. *Deus mora no céu? A criança e sua fé*. São Leopoldo, 1990.

MATTOS, P.A. *Mais de um século de educação metodista*. Piracicaba, Cogeime, 2000.

MENEGOLLA, M & SANT'ANA. *Por que planejar? Como planejar? Currículo-Área-Aula*. Petrópolis, Vozes, 1997.

MEIRIEU, P. *Aprender...sim, mas como?* Porto Alegre, Artmed, 1998, 7ª edição

MESQUIDA, P. *Hegemonia Norte-Americana e Educação Protestante no Brasil*/ EDUFJF/Editeo, Juiz de Fora/ SBC, 1994.

NOT, L. *Ensinando a aprender. Elementos de psicodidática geral*. São Paulo, Summus, 1993.

OECH. R.V. *Um "Toc" na cuca*. São Paulo, Cultura, 1998.

OYBEKK, Inger. *Orientados para orientar: subsídios para orientadores de culto infantil e escola dominical*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

PHOEBE, M. Anderson. *Viver e aprender na Escola Dominical*. Tradução Imprensa Metodista, SP. 1986.

SALVADOR, J.G. *O Didaquê (Ensino do Senhor através dos doze apóstolos)*. São Paulo, JUGE, 1957.



SEMANAS DE CRIATIVIDADE de et al. *Passos Solidários: um estudo a partir de personagens do AT*. São Leopoldo, Departamento de Catequese da IECLB, 1998.

SEMANAS DE CRIATIVIDADE. *Parábolas do Reino*. São Leopoldo, Departamento de Catequese da IECLB, Sinodal. 1997

SEMANAS DE CRIATIVIDADE. *Comunidade a caminho*. São Leopoldo, Departamento de Catequese da IECLB, Sinodal. 1999.

SÉRIE DO "PROJETO CRIANÇA" - Instituto de Pastoral da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.

STRECK, D. *Saberes da margem. Temas atuais da educação e a pastoral* .apostila

SYMMANK, Leo, BIMLER, Rich. *Dinâmica de grupos: trabalhando com jovens e adultos*. Porto Alegre: Concórdia, 1988.

WESTERHOFF, J. *Tendran Fé Nuestros Hijos?* Buenos Aires, La Aurora, 1978.

Notas

1-Material apresentado no 1º Congresso Nacional de Escola Dominical

2-Lockmann, P. *Circular para pastores/as da 1ª região eclesiástica*. Rio de Janeiro, 1995.

3-Fowler, J. Estágios da Fé. *A psicologia do Desenvolvimento Humano e a Busca do Sentido*. São Leopoldo, Sinodal, 1992.

4-Westerhoff, J. *Tendran Fé Nuestros Hijos?* Buenos Aires, La Aurora, 1978.

5-Westerhoff, J. *Tendran Fé Nuestros Hijos?* Buenos Aires, La Aurora, 1978, p.117.

6-Streck, D. *Saberes da margem. Temas atuais da educação e a pastoral* – apostila

7-Fischer, G. *Educação cristã entre a modernidade e a pós-modernidade*. São Leopoldo. Sinodal, 1998, p.9.

8-Silveira, L. *Reflexões sobre a identidade da educação religiosa cristã do protestantismo brasileiro*. (apostila). São Paulo, 1990, p.9.

9-Streck, D. *Saberes da margem. Temas atuais da educação e a pastoral* – apostila

10-Preiswerk, M. *Educar em la Palabra Viva*. Peru, Celadec, 1984.



ESCOLA DOMINICAL: A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DO ENSINO (1)

Bispo João Carlos Lopes

“Não existe fé que não se materializa em algum tipo de educação. Independente do conteúdo de que cada fé se reveste, haverá sempre o desejo e a necessidade de passar adiante os sonhos e as visões de uma determinada comunidade”.(2)

Introdução:

Professores/as e alunos/as da Escola Dominical são parte de uma tradição de milhares de anos. É interessante notar que, na bíblia, cada testamento contém uma passagem fundamental a respeito da responsabilidade do povo de Deus em passar adiante os princípios de sua fé através do ensino.

No Antigo Testamento a passagem é Deuteronômio 6.4-9 onde Israel recebe o mandamento de ensinar às gerações vindouras as palavras da lei de Deus (confira também Deuteronômio 11.19).

No Novo Testamento a passagem é Mateus 28.18-20 onde os discípulos recebem a comissão de fazer novos discípulos de todas as nações batizando e ensinando.

A fé comunicada através do ensino no Antigo Testamento:

O Antigo Testamento reflete a tremenda ênfase que os hebreus colocavam no ensino. Entre os deveres dos sacerdotes, estava o de ensinar aos filhos de Israel, em todas as gerações, os estatutos que Deus havia transmitido a Moisés (Levítico 10.11).

Samuel, o grande profeta e sacerdote de Deus, ensinava ao povo *“o caminho bom e direito”* (I Samuel 12.23).

O rei Josafá tendo assumido o trono após a morte de Asa, seu pai, decidiu-se por *“seguir os caminhos do Senhor”* juntamente com toda Israel. Para isso treinou dezesseis *ensinadores* e os enviou a ensinar a lei do Senhor ao povo. Esses *ensinadores* exerceram um ministério docente missionário itinerante, pois *“percorriam todas as cidades de Judá, e ensinavam ao povo”* (II Crônicas 17.1-9). Essa ação estratégica causou efeito sobre *“todos os reinos das terras que estavam ao redor de Judá”* de tal forma que os outros povos se encheram do temor de Deus e deixaram Josafá em paz, evitando guerrear contra ele.

O cuidado em ensinar as novas gerações era, sem dúvida, uma realidade na história do povo de Israel (Isaias 54.13). Mas no Antigo Testamento (AT) o significado do ensino ultrapassava o simples conceito de comunicação de um conjunto de conhecimentos. Na verdade, a docência no AT significava o caminho pelo qual Deus conduzia o seu povo.

As maravilhas realizadas pelo Senhor deveriam ser recordadas e suas bênçãos cantadas a cada geração (Salmo 78). Essa recordação não era um mero exercício intelectual, mas uma dramatização na qual a geração mais jovem participava daqueles fatos.

A intenção era que enquanto a história estivesse sendo relatada o jovem israelita pudesse sentir-se como que cruzando o mar vermelho com o povo, acampando no deserto, recebendo a lei, entrando no pacto da aliança com Deus, sendo introduzido na terra prometida.

Escola Dominical feita pra mim e pra você

A instrução acontecia no culto, tanto comunitário como familiar. Essas cerimônias suscitavam explicações e estas levavam à confissão e à esperança (Dt 6.20-25). A intenção era fortalecer a fé e renovar a vida.

Na época de Jesus esse ensino dinâmico e vital havia progressivamente dado lugar ao legalismo, se transformando num emaranhado de conceitos a serem cumpridos mecanicamente, tornando-se pesados para as pessoas. Aí estava a essência do conflito entre Jesus e os escribas e fariseus (Mt 23)

Para Jesus (aquele que ensinava com autoridade “*e não como os escribas*”) o ensino era a ilustração do comportamento de Deus em relação aos seres humanos. Assim, em Jesus a ação de Deus era, ao mesmo tempo, a vida de Deus, a doutrina de Deus e o ensino de Deus.

A instrução no AT. tinha a intenção de ensinar as novas gerações a temer ao Senhor, mas tinha também a intenção de testemunhar aos “estrangeiros” que viviam no meio do povo (Dt 31.9-13).

Ensino e expansão – As sinagogas:

No período intertestamentário, a sinagoga (surgida no exílio) transformou-se em um instrumento de expansão missionária para o Judaísmo. Esses centros de ensino eram freqüentados por judeus e prosélitos (gentios totalmente convertidos ao Judaísmo), mas aí também eram acolhidos e doutrinados os chamados “*tementes a Deus*” (simpatizantes da fé Judaica que, entretanto, não estavam dispostos a se submeter, entre outras coisas, ao rito da circuncisão).

Não é de se estranhar, então que Paulo – conhecido como o apóstolo aos gentios – sempre que chegava a uma nova cidade, procurava uma sinagoga para comunicar seus ensinamentos. Seu alvo era muito mais os prosélitos e os “*tementes a Deus*” do que os Judeus ali presentes.

Uma vez conquistada a atenção de seus ouvintes Paulo aparentemente seguia uma mesma metodologia: relembra a expectativa profética do A.T. a respeito de um Messias que haveria de vir e comparava essa expectativa com os eventos históricos da vida de Jesus, buscando convencer seus ouvintes que Jesus era o Cristo.

O ensino presente no ministério de Jesus:

Em seu ministério Jesus usou o ensino para comunicar a verdade. João Batista era considerado um pregador enquanto Jesus era mais reconhecido como um Mestre.

Nicodemos disse: “eu sei que tu és um mestre vindo de Deus...” (João 3.6). Na narrativa bíblica Jesus é chamado de “*Rabi*” mais do que qualquer outro título. Seus seguidores são chamados de “*discípulos*” (aprendizes). De fato, nos quatro evangelhos Jesus é mencionado como mestre 89 vezes e como pregador apenas 12 vezes.

A própria natureza da missão de Jesus como o Messias exigia que ele ensinasse as coisas concernentes ao Reino de Deus. Sem esses ensinamentos, o Evangelho teria sido mal entendido e a missão de Jesus teria sido frustrada. Depois de operar um milagre ou tratar com um indivíduo, Jesus sempre se dirigia aos discípulos e os ensinava.



O ensino presente na “Grande Comissão”

Jesus ordenou aos seus discípulos que fizessem outros discípulos ensinando. Alguns comentaristas do texto de Mateus 28.18-20 insistem que dos quatro verbos presentes na “Grande Comissão” o único que estaria no imperativo seria o verbo “fazer”. Os demais estariam no gerúndio. Assim, a tradução mais aceitável seria: “Indo, portanto, fazei discípulos de todas as nações (...) batizando (...) ensinando...”.⁽³⁾

A ordem é “fazer discípulos” e a maneira de realizar essa tarefa é batizando e ensinando, isto é: integração (batismo como acolhimento na comunidade) e formação (ensino).

A conversão e o batismo não são o final do processo; pelo contrário, são apenas o início. Ao batismo (integração) deve seguir-se um programa contínuo de ensino.

Evangelismo que não integra e orienta não é evangelismo do N.T. nem do movimento wesleyano.

O ensino presente na expansão da Igreja Primitiva:

As raízes da Educação Cristã estendem pelos períodos do Antigo e Novo Testamento e continua se estendendo na expansão da Igreja Primitiva que fez da docência um instrumento essencial do cumprimento de sua missão (Atos 2; 9.31; 20.28).

Em consonância com a Grande Comissão a Igreja do N.T. tornou-se uma comunidade de ensino-aprendizado. Os apóstolos foram obedientes à ordem de levar adiante os ensinamentos de Jesus. Eles ensinaram em todos os lugares, usando toda ocasião possível. A propagação rápida do Cristianismo foi um resultado direto de evangelismo e ensino.

Na medida em que a igreja crescia e ganhava mais gentios do que judeus, a instrução mostrava-se essencial para a assimilação dos novos convertidos no novo modo de vida que Jesus ensinara, já que os gentios desconheciam os princípios doutrinários que norteavam a fé que abraçavam. Paulo e Barnabé, por exemplo, gastaram muito tempo ensinando em Antioquia (Atos 11.26 e 15.35). Paulo ensinou em Coríntios um ano e meio (Atos 18.11) e gastou seus últimos anos em Roma “*ensinando as coisas referentes ao Senhor Jesus*” (Atos 28.31).

É digno de nota o fato de que Paulo, o primeiro missionário enviado pela igreja primitiva era um mestre. Aos presbíteros da igreja de Éfeso ele afirmou “(...) nada, que útil seja, deixei de vos anunciar, e ensinar publicamente e de casa em casa”. (Atos 20.20). Paulo esperava que seu ensino fosse acatado e colocado em prática pelas comunidades por onde passava (I Co 2.13; Col 1.28-29; II Tess 2.15; ITm 4.6-11).

Pelo final do primeiro século, o cristianismo havia crescido tão rapidamente que os novos convertidos e seus filhos precisavam de uma instrução mais sistemática da fé.

As escavações de muitas igrejas primitivas indicam que havia salas de aula em suas construções. Documentos indicam que nos primeiros séculos, durante o rápido crescimento da igreja, o ensino era freqüentemente ministrado por leigos e leigas.⁽⁴⁾

Com o envolvimento ativo de leigos e leigas cristãos/ãs, a fé continuou a se espalhar rapidamente. A educação cristã de crianças e adultos continuou sendo um instrumento significativo tanto para instrução quanto para incorporação de novos crentes à igreja.



Conclusão:

A tarefa de ensinar está implícita na própria essência da Igreja. Não é um apêndice e nem mesmo uma questão de procedimento ou método.

De acordo com Thomas Groome, “a finalidade última do ministério da Igreja é o Reino de Deus”.⁽⁵⁾ A Igreja não é o Reino, mas é “sinal” e “trabalha em prol” do Reino. Seus valores e ideais, seus padrões morais, seu estilo de vida, devem ser sinal do Reino.

No ensino ministrado por Jesus na montanha (Mateus 5 a 7), temos uma descrição da prática do Reino de Deus na vida cotidiana. Nessa prática o Reino é sinalizado entre as pessoas. O objetivo do ensino cristão é formar cidadãos/ãs do Reino. É, portanto, a formação do caráter “à imagem de Cristo” e a transformação conseqüente da sociedade.

Logo após iniciar seu ensino na montanha com as bem-aventuranças (Mateus 5.1-12) Jesus, de maneira contundente e enfática, disse aos discípulos: “*vós sois o sal da terra (...) vós sois a luz do mundo*” (5.13-14). Inseridos no mundo, os discípulos de Jesus deveriam manifestar os valores do reino (justiça, paz, reconciliação, esperança, etc.) confrontando os valores passageiros desse mundo. Através do ensino a Igreja prepara os discípulos de Jesus para essa missão. Assim, o ministério de ensino da Igreja tem como finalidade última a promoção e o testemunho do Reino.

A conversão é a aceitação de uma nova natureza, modificadora da vida e orientada para Deus e para o próximo. Após a conversão, o relacionamento com Deus e com o próximo envolve um processo de crescimento e amadurecimento que John Wesley chamou de santificação. O alvo é a santidade. Não é um processo automático. Precisa ser cultivado. Aí reside a necessidade fundamental da Educação Cristã.

A descoberta do sacerdócio universal leva o crente a compreender que sua vida é para ser compartilhada. Ajudar o novo convertido a entender como compartilhar é função da Educação Cristã. O conceito do Sacerdócio Universal envolve o direito das pessoas de apropriar-se da mensagem de perdão proclamada no evangelho e a responsabilidade de testemunhar essa mensagem a outros. É responsabilidade da Educação Cristã equipar-lo/a (Efésios 4).

Karl Barth dizia que a natureza das Escrituras e o caráter da fé e da missão delegada por Deus à Igreja fazem com que a Igreja ensine, na medida em que proclama, o Evangelho. Barth chega a sugerir que “a Igreja ordene ou estruture sua vida como uma escola. A comunidade crê, atua, fala e ensina. Não pode haver divisão superficial entre o prático (ação, ensino e testemunho) e o teórico (crenças e doutrinas)”.⁽⁶⁾

Foi exatamente isso que a Igreja em Jerusalém fez. Tendo ouvido a Grande Comissão – esse desafio gigantesco e inadiável – os apóstolos passaram a ensinar “no templo e de casa em casa” todos os dias (Atos 5.42). A missão e a razão de ser da Igreja é evangelizar, enquanto o ensino é um elemento essencial dessa ação evangelizadora.

Respondendo a um professor que duvidava de sua própria capacidade de ensinar, Santo Agostinho (354-430) escreve que o ensino cristão é, antes de tudo, um serviço ao próximo. Seu principal argumento foi: “não se pode prestar melhor serviço a uma pessoa do que conduzi-la à fé em Cristo; em conseqüência, nada há mais agradável a Deus do que ensinar a doutrina cristã”.⁽⁷⁾



BIBLIOGRAFIA UTILIZADA E INDICADA (Básica)

STRECK.D. *“Educação e Fé: um Diálogo entre Teologia e Pedagogia”* em Reflexões no Caminho 6, Cebepe, 1995.

SISEMORE.J. *Fundamentos da Educação Religiosa*, JUERP, Rio de Janeiro, 1978.

COPE.H.. *The Evolution of the Sunday School*. Boston, Pilgrim Press,

BARTH.K. *Church Dogmatics*, 1956, Vol IV.

BONINO.J.M.. *El Ministerio Docente de Lá Iglesia en La Perspectiva Histórica in Cuadernos Teológicos*, Tomo XI, no.3, 1962, Ed. La Aurora.

NOTAS

1-Material apresentado no primeiro congresso nacional de escola dominical em 2001.

2- Danilo Streck “Educação e Fé: um Diálogo entre Teologia e Pedagogia” em Reflexões no Caminho 6, Cebepe, 1995, p.9.

3- Sisemore, John, Fundamentos da Educação Religiosa, JUERP, Rio de Janeiro, 1978, p.20.

4- Henri Cope “The Evolution of the Sunday School”, Boston, Pilgrim Press, p. 25.

5- Em seu livro, *“Educação Religiosa Cristã”*, traduzido por Alcione Soares Ferreira (Ed Paulinas, 1985), Groome define o Reino de Deus como sua soberania, sua autoridade, seu “reinado”. Diz Groome: “o Reino de Deus é sua intenção para a criação (...) é o domínio de Cristo” (p.89).

6- Barth, K., Church Dogmatics, 1956, Vol IV, cap.2, p.194.

7- Bonino, José Miguez “El Ministerio Docente de Lá Iglesia en La Perspectiva Histórica” in Cuadernos Teológicos, Tomo XI, no.3, 1962, p.161, Ed. La Aurora.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Os Fins justificam a Mídia Apontamentos sobre Escola Dominical e Comunicação (1)

Luiz Carlos Ramos

O homo só é sapiens porque é, antes, um animal comunicativo.

Introdução

A relação do ser humano com a *informação* fez dele o que ele é: *homo sapiens*. E esse animal comunicativo se torna tanto mais sábio, quanto mais ele aprimora sua capacidade de se comunicar.

Sendo a *Comunicação* um processo complexo que envolve inúmeras variáveis, é impossível abordá-la de maneira exaustiva. Emissor, receptor, meio, mensagem e ruídos são apenas os mais notórios dos intrincados elementos envolvidos no processo de comunicação. Dentre todos esses, elegeremos o *meio* como ponto ao redor do qual girarão nossos apontamentos.

A tese que proporemos é que a *Escola Dominical é um espaço comunicacional privilegiado que a Igreja dispõe para comunicar a sua fé às novas gerações, e que possibilita o uso dos mais variados meios (mídias) de comunicação, estes, entretanto, podem ser melhor aproveitados.*

Os meios a que nos referimos são: a fala, a escrita, a tecnologia eletrônica áudio-visual, a informática multimídia, e a “tecnologia” (ou arte) multimídia, multi-sensorial, interativa e integral (que leve em conta o corpo [sentidos/ação], a alma [intelecto/razão] e o espírito [afetividade/emoção]).

O desenvolvimento da Fala

A partir do momento em que os seres humanos começaram a emitir os primeiros grunhidos acompanhados de gestos sinalizadores, ficou selado o futuro da espécie. O surgimento da *fala*, há 100 mil anos, possibilitou um desenvolvimento sem precedentes entre os seres vivos. O poder que a fala exerce sobre nós remonta a essa origem pré-histórica e tem um quê de instintiva, i.e., nos faz reagir a ela de forma instantânea (vd. imperativos como “Pare!”, “Não!”). Nossa sobrevivência dependeu dessa capacidade de comunicação. Embora frágeis e mais fracos do que inúmeras outras espécies, o ser humano sobreviveu a elas e as subjugou, porque a sua capacidade de comunicação lhe deu a força da coletividade. Não tendo a mesma pré-programação das vespas, das aves migratórias ou das tartarugas marinhas — que sabem exatamente o que fazer, para onde ir e quando isso deve acontecer —, os humanos tiveram que desenvolver uma técnica de criação de uma *inteligência coletiva* de preservação de uma *memória coletiva*. Em uma palavra, estava criada a *Cultura* (ou a *tradição*).

Assim, o desenvolvimento da fala produziu uma *tradição oral*. Essa tradição oral se apóia, explora, estimula e sensibiliza a *imaginação*. A imaginação é uma das mais poderosas ferramentas que o ser humano dispõe para sobreviver. Pelo poder da imaginação foram inventadas a roda, a alavanca, a escada, o arco e a flecha... Todas essas ferramentas tornaram-se expansões do sistema motor humano, dando-lhe mais força, velocidade e agilidade. A imaginação tornou o ser humano mais forte do que o seu próprio corpo e a fala o ajudou a fazer isso em coletividade.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Embora muito poderosa, a tradição oral tem um *limite*, e este está no *restrito alcance da memória*. Mesmo a memória coletiva é limitada. Eventos climáticos, geológicos, políticos, ou epidemias, guerras e experiências religiosas podem ser responsáveis pelo apagamento de muita informação acumulada durante séculos. Além disso, a tradição oral é tremendamente vulnerável, e tende a sofrer muitas alterações, interpolações e omissões, à medida que é transmitida de geração em geração.

A Fala e a Escola Dominical

O peso, ou a importância, da tradição oral é particularmente importante nas classes não alfabetizadas. Não me refiro, aqui, às crianças em idade não escolar, mas a todas as pessoas cuja capacidade literária está embotada. Afinal, ler é mais do que interpretar sinais ortográficos ou saber desenhar o próprio nome. Não me refiro aos analfabetos de palavras, mas aos analfabetos de conceitos e idéias. Repetindo, então, para facilitar a comunicação com as classes não alfabetizadas, temos uma poderosa ferramenta: a tradição oral, a fala, a imaginação!

As palavras têm poder para criar mundos. Aprendemos na Escola Dominical que Deus criou o Universo pela palavra (cf. Gn 1). Mas, não devemos esquecer, as palavras também servem para (de)limitar mundos — “os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo” (Wittgenstein). Portanto, devemos escolher bem nossas palavras, as melhores, para que o mundo que criarmos com elas também seja o melhor possível.

Dinâmicas

1. Contar uma estória: p. ex.: “A princesa que tinha o nariz pequeno”.
- 2- Contar uma estória em grupo: em seqüência, cada pessoa da roda se encarrega de dar continuidade à estória que o primeiro começou a contar.

O desenvolvimento da Escrita

Os limites da fala levaram ao desenvolvimento da *escrita*. Esta pode ser remontada às primeiras pinturas nas paredes das cavernas por mãos pré-históricas. Os sinais foram se aprimorando até se tornarem poderosos alfabetos (Sumérios, c. 4 mil anos a.C.). O surgimento da escrita produziu uma *tradição literária*, que se apóia, explora, estimula e sensibiliza a razão (a capacidade racional, intelectual e de abstração). A grande vantagem da tradição literária sobre a tradição oral é que ela não está limitada pelo alcance da memória. Os textos escritos transcendem o tempo. A transmissão de idéias e tradições, não depende somente de portavozes humanos sobreviventes.

Entretanto, também a tradição oral tem seus *limites*. Enquanto a tradição oral é acessível a todos, a tradição literária permanece restrita àquelas pessoas que possuem a “senha-chave do cofre”. Os livros tornaram-se caixas-fortes que só podem ser abertas por aqueles que desvendam o seu segredo: o que só é possível pela *alfabetização*. Mas não é somente este o limite da tradição literária. Ainda que todos fossem alfabetizados, os livros ainda teriam um poder restrito para fazer “o corpo vibrar”. Textos escritos têm uma tendência para *dissociar a alma do corpo*, i.e., a razão da emoção. Textos tendem à abstração e à imortalidade, enquanto o corpo tende à distração e, como todos sabemos, é mortal e transitório.



A Escrita e a Escola Dominical

A importância da escrita é tamanha que, como aprendemos desde pequenos na Escola Dominical, o próprio Deus deu (escreveu), a Moisés e ao seu povo, as Tábuas da Lei. Do Decálogo resultou o Pentateuco, destes os Profetas e os Poetas do Antigo Testamento. No Novo Testamento, destacam-se os escritos dos evangelistas, historiadores e missivistas. A Igreja estabeleceu o cânon e definiu as Escrituras Sagradas dos cristãos, e estes passaram a ser conhecidos como o “Povo da Palavra”.

Na Escola Dominical ensina-se, fundamentalmente, a Bíblia. Entretanto, os fundamentalistas tornaram-se exemplo trágico de como a letra pode matar (cf. 2Co 3.6), ao dissociarem a letra do espírito, em outras palavras, o corpo da razão. “Saber” a Bíblia não é garantia de “praticar” a Palavra de Deus.

Vale notar que a tradição literária foi particularmente forte nos países europeus, mas menos influente nos países subdesenvolvidos — por razões óbvias —, e nos de tradição oriental — por razões culturais. Daí, a importância de termos em mente que, no Brasil, a tradição oral ainda é muito forte — muito mais do que a literária. O uso do “livro” (bem como de qualquer tipo de literatura), pressupõe uma formação técnica preliminar: primeiro, temos que aprender a arrombar cofres, para, então, podermos usufruir das riquezas guardadas em seu interior. Como no caso do “Livro da Vida”, citado em Apocalipse 20.12, devemos manter no horizonte a possibilidade do uso da literatura para produzir vida e não para anulá-la.

Dinâmicas

Não devemos somente fazer “livros” para serem utilizados na ED, mas devemos fazê-los melhor. Examinemos algumas produções literárias que empregaram tecnologia e criatividade... Depois, dialoguemos a partir das seguintes questões: O que elas (tecnologia e criatividade dos livros) sugerem? Em que nos estimulam? Que desafios nós temos? O custo financeiro é suficiente para justificar a qualidade técnica das nossas produções literárias? Produzir boa literatura é prioridade na Escola Dominical?

Desenvolvimento da Tecnologia Eletrônica Áudio-Visual

A criatividade humana, aplicada à sua necessidade de comunicação, produziu muitas novidades, entre elas uma verdadeira *tradição áudio-visual*. Enquanto a tradição oral prioriza a imaginação, esta se apóia, explora, estimula e sensibiliza a partir do uso da *imagem* e do *som*. A imagem, aliada ao som, tem o poder de concentrar grandes quantidades de informação em pequenos “quadros”. “Uma imagem vale mil palavras”. Sob o fascínio dessa tecnologia, desenvolveu-se, particularmente, o cinema e a televisão. O sucesso dessa mídia se deve, em parte, à própria anatomia do cérebro humano, que destina $\frac{3}{4}$ de sua área ao processamento de informações visuais — é natural nosso fascínio pela imagem.

Entretanto, até este recurso tem seus *limites*. O limite da tradição áudio-visual está no fato de que o emprego de imagens embota a *imaginação* — ao apresentar ao telespectador *imagens* prontas, concebidas por outras mentes. Também a oferta do *som externo* impede a audição da “voz que vem de dentro”, i.e., não nos deixa ouvir o som que vem do fundo da alma. Em uma palavra, o limite do recurso áudio-visual é a sua superficialidade, em relação à profundidade da personalidade humana.



A Tecnologia Áudio-Visual e a Escola Dominical

A Bíblia está repleta de relatos nos quais efeitos e trilhas sonoras são empregados — tais como na narrativa da descida do Espírito Santo em Atos 2, ou na do Vale dos Ossos Secos em Ezequiel 37.7ss; além das muitas referências à música e execução de instrumentos musicais. Efeitos especiais e truques visuais também são largamente empregados em outros episódios, como o dos dedos que escreviam na parede em Daniel 5.5 (numa primeira versão do retroprojetor?), ou em Habacuque 2.2 que sugere a criação de um *outdoor*. Podemos, ainda, falar dos efeitos especiais da narrativa do Êxodo: as pragas no Egito, a abertura do mar, a sarça ardente, os relâmpagos e trovões no Sinai. Ou, ainda, as tempestades e peixes gigantes; trombetas que desabam muralhas; dilúvios, carruagens de fogo, trevas ao meio dia... Enfim, efeitos que matariam Spielberg de inveja.

Entretanto, nem com todos esses recursos áudio-visuais, a vontade de Deus se firmou no coração humano. Deus sabia que era necessário um tipo de comunicação mais profundo, por isso disse: “Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei” (Jr 31.33). Impressionar a visão e a audição não é suficiente para a transformação do “coração” (caráter). No processo educativo da Escola Dominical é preciso ir muito além.

Dinâmicas

Na Escola Dominical podemos usar muitos recursos áudio-visuais, principalmente explorando o videocassete. Vejamos um exemplo do filme “O Príncipe do Egito”: a cena da abertura do mar (visão) e a da voz de Deus na sarça ardente (audição). Que efeitos produzem na gente essas combinações de imagem e som?

Sugestão: transformar filmes de vídeo em novelas divididas em capítulos e abordar, durante o encontro, um tema relativo ao “capítulo” do filme que foi assistido naquele dia.

O desenvolvimento da Informática

Vivemos a era da informação. Podemos dizer que as transformações tecnológicas sofridas nos últimos cem anos são *megamudanças*. Hoje, o produto mais valioso no mercado é a *informação*. Mas não basta possuir a informação, é preciso interagir com ela. A utilização dos computadores e das redes de informação está produzindo uma *tradição multimídia*, i.e, uma tradição que combina o uso simultâneo de texto-som-imagem. Tal tradição se apóia, estimula e sensibiliza a partir da conjugação da razão-audição-visão. Considerando que cada um desses aspectos tem, individualmente, um grande poder comunicacional, é de se supor que, combinados, seu poder é, digamos, triplicado.

Mas parece haver limites, também, para esse recurso multimídia. O fato de apoiar-se na *razão*, não garante um envolvimento *emocional* e *afetivo* por parte do usuário dessa técnica; e o fato de que seu estímulo sensível (visão e audição) é limitado (por não incluir o tato, o olfato nem o paladar) evidencia que esta ainda é uma *mídia incompleta*.

A Informática e a Escola Dominical

Ao longo da História, as diferentes tradições religiosas exploraram recursos “multimídia” pela combinação simultânea — principalmente durante as celebrações — dos textos sagrados (escrita), com a pregação e a música sacra (som) e com dramatizações e ambientações arquitetônicas e decorativas (imagem).



Daí deduzimos que a informática não inventou um novo conceito, apenas o digitalizou. Ora, se a informática pode usar recursos da tradição litúrgico-pedagógica da Igreja, por que esta não poderia usar os recursos da informática?

Algumas igrejas já utilizam com certa naturalidade (embora com pouca eficiência) equipamentos multimídia que vão desde a combinação de amplificadores com retroprojetores, aos modernos projetores multimídia, conectados a computadores, que oferecem inúmeros recursos de efeitos especiais sonoros e visuais, combinados com textos escritos.

Mas ainda temos um problema: a disponibilidade de equipamentos sofisticados não resolve o problema do *conteúdo*. Um/a professor/a que saiba manusear equipamentos eletrônicos e computadores, mas que não tenha/domine conteúdo de qualidade, jamais poderá substituir o/a educador/a que tem o que dizer. Na verdade, corremos o risco da desqualificação do ensino ao maquiá-lo com tantos ornamentos tecnológicos. A mesma atenção que se dá à forma deve ser dada à elaboração do conteúdo e da informação que se pretende sejam trabalhados com as classes de Escola Dominical.

Dinâmicas

Seymour Papert, em seu livro *A Máquina das Crianças* (Artes Médicas, 1994) propõe um exercício de imaginação: Suponhamos que um grupo de viajantes do tempo, composto de professores e outros profissionais, partissem do final do século XIX e viessem visitar o final do século XX, para ver o grande progresso que o futuro lhes reserva, no que diz respeito ao exercício de suas respectivas profissões. Que surpresas eles teriam? Papert faz esta proposta pensando em educadores do primeiro grau, façamos o mesmo tendo professores/as de Escola Dominical em mente. O que mudou na ED nos últimos cem anos? Que recursos modernos são empregados agora? Que tipo de treinamento diferenciado necessita o educador de hoje para exercer sua função?

Vejam um exemplo de interação multimídia: CD-Rom *Nilo: Os Mistérios do Egito*, da Globo Multimídia.

O que é preciso para a modernização da Escola Dominical? Quem está desenvolvendo produtos multimídia para ED, atualmente?

O desenvolvimento da “tecnologia” (ou arte) multimídia, multi-sensorial, interativa e integral

Ainda não está disponível uma tecnologia que leve em conta o ser humano na sua integralidade: o corpo (sentidos/ação), a alma (intelecto/razão) e o espírito (afetividade/emoção). Essa “tecnologia” ainda está por ser desenvolvida. É o grande desafio que se nos apresenta, hoje, para todo o processo educativo e, em particular, para a Escola Dominical. Essa técnica ainda temos que inventar. Entretanto, creio que já dispomos de todas as condições para isso.

Como vimos, acima, todas as mídias desenvolvidas até o presente são limitadas, o que significa que todas podem ser aprimoradas. Mas parece também evidente que nenhuma delas pode dar conta sozinha do processo comunicacional e educativo humano. A esperança está na *combinação e interação entre as diversas mídias*, e não só entre os meios, mas também das mídias com seus usuários. O poder comunicacional está na combinação criteriosa das várias mídias, de tal maneira que sensibilizem o ser humano como um todo.



Essa tarefa inspira cuidados e temores. Para alguns, corremos o risco de automatização do ser humano. Outros, como eu, crêem na humanização das máquinas, i.e, na possibilidade de uma utilização dos recursos tecnológicos que facilite e promova a vida das pessoas.

A Arte da Comunicação Integral e a Escola Dominical

A narrativa do encontro de Jesus com os dois discípulos no caminho de Emaús nos serve de paradigma para uma proposta de comunicação educacional integral (cf. Lc 24.13-35). Naquela primitiva aula de Escola Dominical (“dominical” nos dois sentidos, porque era *domingo* e porque o professor era o *Senhor* — do lat. “domine”) o Mestre fala à razão dos estudantes, ao recapitular com eles o conteúdo das Escrituras; também lhes fala ao coração, pois eles mesmos testemunham: “Não nos ardia o coração enquanto nos falava?”; também lhes falava com o olhar e com todo os sentidos do corpo, culminando com a grande revelação/ocultação na hora do recreio (refeição). Esse é um modelo de escola em que o mestre vai até o aluno e não o contrário; cujo conteúdo continua sendo as Sagradas Escrituras, mas explicadas em linguagem adaptada à circunstância dos estudantes; e cuja técnica sensibiliza corpo, alma e espírito dos educandos e, também — porque não? —, do educador.

Em Jesus, a palavra se faz carne. A nova mídia que estamos propondo não é nada diferente disso: é a mesma tentativa de tornar palpável, sensível e comvente a informação oral, escrita e racional que temos da grande História da Salvação e do Amor de Deus. Será possível acontecer que a Tecnologia se faça carne e habite entre nós como graça a serviço da verdade?

Dinâmica

A humanização da mídia exige:

Sensibilização de todo o corpo humano: tato, olfato, paladar, audição e visão (na ED é possível uma experiência semelhante à do “bodynet”);

Consideração e respeito pela emoção e pelo sentimento humanos (o espírito humano ri ou chora, fica feliz ou infeliz, se irrita ou se compadece, despreza ou ama, rejeita ou se enternece...);

Apoio às amplas possibilidades de estilos intelectuais (a alma humana tem “razões que a própria razão desconhece”);

Superação da rede de computadores por uma rede de pessoas (não interessa haver máquinas conectadas se não houver interação entre as pessoas que utilizam essas máquinas);

Desenvolvimento de uma inteligência coletiva (os resultados da inteligência humana devem ser socializados para beneficiar a todos, bem como os problemas podem ser resolvidos coletivamente, com várias cabeças pensando a respeito — vd. exemplo do Projeto Genoma);

Dominação das máquinas pelas pessoas e não das pessoas pelas máquinas (a maneira de dominar as máquinas é saber usá-las, todo/a educador/a há que domá-las);

Megamudanças e abertura para aceitá-las e promovê-las (não podemos mais nos conformar com tanto atraso nas escolas, particularmente, na ED);

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Inter-multi-transdisciplinaridade — a convicção de que a tarefa pedagógica se tornou impossível no isolamento e que só é viável se realizada em equipe (são tantas técnicas, habilidades e conteúdos que devem ser dominados, que só podem ser concretizados com a ajuda de muitos/as educadores/as);

Interatividade — todas as pessoas envolvidas devem ser sujeitos ativos que podem opinar e interferir diretamente do curso do processo educativo (tal interação deve ser possível entre as pessoas e os meios e entre elas mesmas);

Outras exigências (acrescentemos as nossas sugestões)...

Conclusão

Constatamos, em nossa exposição e análise, que a Igreja em geral, e a Escola em particular, constitui-se em um espaço privilegiado para o processo comunicacional educativo. O ambiente propiciado pela ED favorece a utilização das diferentes tradições comunicativas: oral, escrita, áudio-visual, multimídia e interativa. Mais do que isso, na ED é possível, plenamente, a combinação simultânea desses vários recursos. A partir disso, deduzimos ser a ED um espaço privilegiadíssimo no processo de integração entre comunicação-e-educação. Nosso grande desafio é tornar consciente e efetivo algo que temos feito intuitiva e limitadamente. Nossa tarefa é transformar em corpo o que é mera informação.

O *homo sapiens*, com o poder da criatividade e da comunicação ampliou seu sistema motor ao inventar a roda; ampliou o sistema digestivo com a revolução industrial; ampliou o sistema nervoso na era da informação; falta, agora, uma grande revolução que some a tudo isso a dimensão afetiva e emotiva da humanidade — poderíamos chamar a esta de *revolução da solidariedade*, pois seria a grande responsável pela plena integração homem-máquina-mundo.

Seja o que for que o futuro nos reserve, temos, no presente, muitas perguntas que não podem ser respondidas displicentemente — sequer podemos nos demorar em respondê-las: Como podemos desenvolver um modelo comunicacional e educativo integral para a Escola Dominical? Como combinar as diferentes mídias e sensibilizar os vários sentidos do corpo, levando em conta e emoção e a afetividade das pessoas? Como mediatizar a educação e como humanizar a mídia?

Quando alguém encontrar as respostas, por favor, não esqueça de me avisar!

Bibliografia

Os presentes apontamentos tiveram como base uma seleta literatura da área de comunicação. As indicações bibliográficas abaixo podem ajudar aqueles/as que quiserem aprofundar esta discussão.

CASTELS, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. I Vol.: “A Sociedade em Rede”. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DERTOUZZOS, Michael. *O Que Será: Como o Novo Mundo da Informação Transformará Nossas Vidas*. 3ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 413 p.



DIZARD Jr., Wilson. *A Nova Mídia: A Comunicação de Massa na Era da Informação*. Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2000, 324 p.

FISK, John. *Introdução ao Estudo da Comunicação*. 4ª. ed. Lisboa: Edições Asa, 1998, 268 p.

GATES, Bill. *A Estrada do Futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 347 p.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, 260 p.

NEGROPONTE, Nicholas. *A Vida Digital*. 2ª. ed., 4ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 231 p.

PAPAERT, Seymour. *A Máquina das Crianças: Repensando a Escola na Era da Informática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, 210 p.

THOMPSON, J. B. *A Mídia e a Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1999.

NOTAS

1- Material apresentado no 1º Congresso Nacional de Escola Dominical, São Paulo, 2001.

Páscoa, 20001.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



A ESCOLA DOMINICAL E O DISCIPULADO

Bispo Nelson Luiz Campos Leite

Estamos nestes dias conhecendo, avaliando e ampliando o nosso conhecimento e vivência a respeito da Escola Dominical. A Escola Dominical é parte do processo educativo da Graça divina, testificado na história do povo de Deus.

De modo geral ela visa guiar-nos à “vida plena e abundante” que nos é concedida através de Cristo.

(Tito 2. 11-15; Salmo 78. 1-8;Dt. 4.1-15)

NO SENTIDO o mesmo pode ser dito a respeito do DISCIPULADO. É um instrumento educativo da Graça divina visando-nos a receber e vivenciar a Vida Abundante encontrada em Cristo (Jo.10.10).

Ambos - ESCOLA DOMINICAL E DISCIPULADO tornam-se agentes da Educação Cristã.

PARA QUE POSSAMOS ENTENDER O CAMPO DE AÇÃO E O ESPAÇO DE CADA UM É NECESSÁRIO VISUALIZAR O QUE PRETENDE ALCANÇAR A EDUCAÇÃO CRISTÃ.

* De uma forma geral a Educação entendida tradicionalmente é UMA ATIVIDADE PLANEJADA pelas gerações adultas sobre as gerações mais novas.

* Genericamente podemos entendê-la como toda e qualquer experiência que venha a enriquecer uma pessoa.

A QUE SE DESTINA A EDUCAÇÃO?

À pessoa em sua totalidade. Ao Ser Integral. Estão incluídos os aspectos físicos, mentais, psicológicos, relacionais, sociais, éticos e espirituais.

A Educação não lida apenas com informações e conceitos, mas com valores, apreciações, atitudes, comportamentos... Num sentido mais amplo lida com a Vida. Desta forma a Educação é Vida. Vida implica num contínuo crescimento. Crescimento contínuo e progressivo.

A EDUCAÇÃO CRISTÃ VISA LEVAR A PESSOA À VIDA, ATRAVÉS DA GRAÇA DIVINA ENCONTRADA NA PESSOA DE CRISTO.

Quando ensinamos buscamos guiar a pessoa no processo de aprendizagem. A aprendizagem, na educação, existe quando algo passa a fazer parte da vida

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Aprendemos sob as formas as mais diversas:

Pelos sentidos. Fazendo. Imitando. Desenvolvendo capacidades e aptidões. Através dos relacionamentos. Satisfazendo ou não necessidades. Colocando diante de nós alvos e ideais, etc.

NESSE PROCESSO É FUNDAMENTAL LEVAR-SE EM CONTA:

A Realidade, As Necessidades, Os interesses, As expectativas...

A EDUCAÇÃO CRISTÃ... é um processo dinâmico da Graça Divina. Podemos ver isso no texto de Tito 2.11-15.

A Graça divina- salvadora junto de todas as pessoas.

- meio usado: Educando-nos.
- processo educativo: transformando-nos
- objetivo: Viver... no presente século e no porvir.

EM OUTRAS PALAVRAS...

A Educação Cristã é um PROCESSO - dinâmico, contínuo e progressivo - pelo qual a VIDA E A EXPERIÊNCIA DA PESSOA se Transformam, se Enriquecem e se Aperfeiçoam, mediante sua relação com Deus, através de Jesus Cristo e no poder do Espírito Santo. A Educação Cristã é um PROCESSO - dinâmico, contínuo e progressivo - pelo qual a VIDA E A EXPERIÊNCIA DA PESSOA se Transformam, se Enriquecem e se Aperfeiçoam, mediante sua relação com Deus, através de Jesus Cristo e no poder do Espírito Santo.

AMPLIANDO A COMPREENSÃO:

Um processo de Construção e Reconstrução da experiência (Vida) do Indivíduo em seu Relacionamento com: Deus/ Consigo/ Com o próximo/ Meio Ambiente/ Natureza/ Mundo/Relacionamentos/ vida no sentido mais pleno/ "Trabalho/ Família/ Igreja...

Um processo de mudança do Modo de Ser da pessoa, seus conceitos, seus valores e seu comportamento em relação a tudo o que anteriormente foi descrito. Isso significa a amplitude de seu relacionamento em todas as dimensões.

Tudo isso à luz da Palavra de Deus, do Evangelho de Cristo e do poder do Espírito Santo.

ENTENDENDO O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

A - OBJETIVO GERAL

GUIAR AS PESSOAS a se tornarem **CONSCIENTES DE DEUS**, através da revelação divina histórica testemunhada pela Sua Palavra, em especial em Sua Revelação histórica através de Jesus Cristo.



A responderem com fé e amor - acolhendo a presença de Cristo em sua vida- a fim de que possam saber Quem são (filho de Deus/ Nova Criatura) e o que significa a sua situação humana (Sentido e Finalidade).

B - OBJETIVO COMPORTAMENTAL

- Crescer como filhos de Deus em todas as relações- com Deus, pessoais, inter- pessoais, sociais (Perfeição Cristã).
- Viver no Espírito de Deus, Arraigados na Comunidade Cristã (Plenitude do Espírito e vivência na Comunidade da Fé expressando a Ação Missionária conferida por Deus.
- Cumprir o seu Discipulado no Mundo (Testemunho e Missão).
- Permanecer na Esperança Cristã- Presente século e na expectativa escatológica.

AGENTES DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

A Família. Visão e testemunho do Antigo e Novo Testamentos. Os pais exercem um papel fundamental.

A Igreja - através de toda a sua vivência , ação e Ministérios. Em especial a Escola Dominical, os grupos de discipulado, familiares e outros, a adoração e o louvor ,os lares, o culto...

As Instituições especificamente Educacionais.

A Comunidade onde vivemos, Ela torna-se objeto e objetivo da Educação Cristã.

A Vida em si- pessoal, familiar, social, comunitária... com sua realidade, desafios, experiências e oportunidades.

“TEMOS VISTO QUE TANTO A ESCOLA DOMINICAL COMO O DISCIPULADO SÃO INSTRUMENTOS DA AÇÃO EDUCATIVA DIVINA”.

A ESCOLA DOMINICAL tem uma vivência expressa em experiência que está acima de duzentos (200) anos. São quase 220 anos de existência e vivência. À luz da sua História (neste congresso rememorada e avaliada) podemos definir dentro do seu objetivo, à luz da vivência da Igreja através dos Dons e Ministérios, os seguintes pontos prioritários.

Evangelização- entendida em sua múltipla compreensão- desde a criança até o adulto.

Doutrinação (catequese) e Discipulado. Isso significa a fundamentação da fé visando a vivência cristã e ministerial.

Dar condições para vivenciar e capacitar as pessoas para viverem plenamente, à luz do amor e da graça de Cristo. Levando-se em consideração a diversidade dos dons e ministérios

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Capacitar às pessoas e toda a Igreja, através do estudo e da prática, visando a edificação, o equipar, o aperfeiçoar das pessoas e de toda a comunidade com a finalidade de testemunho efetivo missionário. Desempenho dos Dons e Ministérios conferidos pelo Espírito.

AQUI TEMOS AS TAREFAS FUNDAMENTAIS, COMO...

O Evangelizar.

O Discipular.

Dar-se condições de vivenciar a fé nas diversas situações de vida.

O viver da Comunidade da fé: cultuando, louvando, testemunhando e servindo- ação plena do sentido missionário.

Capacitar as pessoas e os grupos visando o desempenho do serviço do Corpo de Cristo.

TENDO-SE EM VISTA:

O Aperfeiçoamento, a capacitação e a instrumentalização dos santos.

O Desempenho do Serviço (ministérios).

Visando a Edificação do Corpo de Cristo- Sua Unidade, Diversidade e Mutualidade.

TEMOS COMO DESAFIO: SEGUINDO A VERDADE E O AMOR, CRESCER, EM TUDO, NAQUELE QUE É O CABEÇA CRISTO...(Ef.4.13-16).

Temos como desafio: seguindo a verdade e o amor, crescer, em tudo, naquele que é o cabeça: Cristo (Efésios 4.13-16). Pela justa cooperação de cada parte do Corpo de Cristo... E a maturidade e mutualidade em amor.

NUMA IGREJA DE DONS E MINISTÉRIOS A ESCOLA DOMINICAL É:

Uma expressão do Ministério de Ensino- (*Rm.12.4-8; Salmo 78.1-8*); Ministério de Jesus- 5.1;9.35-38 e da Igreja Primitiva- (*AT. 2.42-7;4.1-2,32-36*).

A Escola Dominical fundamenta bíblica e teologicamente os Dons e Ministérios concedidos pela Trindade às pessoas e à Igreja. Isso pode ser feito através do seu Currículo destinado à Igreja e às pessoas.

A Escola Dominical promove a capacitação, o treinamento e o equipamento dos diversos Ministérios objetivando a sua plena realização.

Muitos outros ministérios têm a sua expressão parcial ou total através da Escola Dominical. Por exemplo, os ministérios da evangelização, da oração, da música, da misericórdia, do Serviço, da comunhão, da Palavra... e outros.

MESMO QUANDO SE ENTENDE A ESCOLA DOMINICAL COMO UMA EXPRESSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA, NÓS TEMOS QUE CONSIDERAR AS SUAS DIMENSÕES MÚLTIPLAS:

Escola Dominical feita pra mim e pra você



- Dimensão Proclamadora;
- Dimensão Educativa;
- Dimensão Diaconal (Serviço)
- Dimensão Cúltica.

O PROCESSO EDUCATIVO DISCIPULAR

No Antigo e no Novo Testamento é possível reconhecer a presença de uma dimensão educativa e discipular. No Antigo Testamento podemos ver, por exemplo, em Ex. 18.13-27- uma ação educativa, discipuladora e de delegação de autoridade. Ao encontrar-se sobrecarregado, Moisés é aconselhado pelo seu sogro, Jetro, a uma ação educativa e discipuladora, que com certeza envolvia convívio, partilha, delegação de poderes e treinamento. No salmo 78 vemos a responsabilidade educadora da família e das gerações mais velhas junto das novas gerações. Em I Reis 19.19 há a citação de uma vivência educativa e discipular no relacionamento entre Elizeu e Elias. Entre os Profetas vemos algumas vezes esta dimensão Educativa e Discipular. - Jr.36.6-8; Am. 7.14.

No ministério de Jesus percebemos claramente a sua preocupação educativa junto de seus discípulos e, até do povo, além de sua grande ênfase no discipulado. Antes de ele ordenar - Fazei discípulos (fazendo discípulos), ele vivenciou no seu ministério essas duas ênfases. 49,7% do ministério de Jesus (suas palavras) foram dedicadas aos discípulos 25,8% foram dirigidas às multidões e 24,5% são dirigidas às autoridades (fruto do seu período final - prisão, julgamento e morte). O termo que talvez tenha mais caracterizado Jesus foi o de Mestre. Não apenas com os discípulos, mas junto às mulheres, religiosos, samaritanos, etc. Suas últimas palavras, conforme Mateus foram:

Ide, fazei discípulos de todas as nações... batizando-os... e Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho mandado (ordenado)” Mt.28.19-20.

Na Igreja Primitiva vemos essas mesmas preocupações - educativa e discipuladora. Atos 9.26-30 fala-nos da ação educativa e discipuladora de Barnabé para com Paulo. Paulo usou o mesmo processo no seu ministério. Educou e discipulou a Timóteo, bem como a Tito, Silas, Priscila. Em II Tm. 2.2, ele descreve o processo... transmitir (vivenciar) a homens fiéis e idôneos, que deveriam continuar esse processo junto de outras pessoas. Em Mateus 9.36-10.1, Jesus ao percorrer a Galiléia, acompanhado de seus discípulos e da multidão, vendo-a como "ovelhas sem pastor" compadece delas, enviando os seus discípulos ao encontro das pessoas que careciam de um pastoreio.

No movimento wesleyano vê-se claramente essa preocupação educadora e discipular.

Wesley organizou e fundamentou o movimento renovador junto à Igreja Anglicana de forma a estar junto, ao lado e ao redor do povo (seguidores). A criação das bandas, classes e sociedades, formadas diferencialmente, mas sob a liderança de pessoas lideradas por Wesley, indica essa realidade no movimento primitivo metodista.

O discipular envolve convivência, acompanhamento, intimidade, ação educadora.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



No decorrer da História da Igreja vemos de forma marcante essa dupla presença: ação educativa e ação discipular. Hoje em dia para muitas Igrejas e líderes o discipulado tornou-se um modismo metodológico visando, em geral, alcançar uma forma multiplicadora de crescimento da Igreja e uma maneira metodológica de tornar a Igreja mais adequada a seu tempo (em especial as megas igrejas... dividindo-se em células familiares). Não somente a visão de crescimento, evangelismo em profundidade, mas também a da convivência entre membros, o crescimento de sua intimidade, etc.

COMO TEMOS ENTENDIDO O DISCIPULADO?

Vários textos podem ajudar-nos a ter uma compreensão a respeito de como nós metodistas estamos vendo, encarando e vivenciando o discipulado. A revista, Kairós, publicada pela Quarta Região Eclesiástica, Ano 1, n.2, outubro de 99, de autoria do bispo Josué Adam Lazier dedica esse número ao tema: Discipulado. O Colégio Episcopal, na Biblioteca Vida e Missão- Metodismo- apresenta o livro: O Caminho do Discipulado- de Jesus a nós, de autoria do bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann. Ambos os textos nos ajudam a vivenciar como a Igreja Metodista interpreta e vê o discipulado.

Discipulado é visto dentro do contexto do Plano Vida e Missão e da configuração da Igreja em Dons e Ministérios.

O Colégio Episcopal após realizar um Encontro sobre Discipulado tendo a participação de expressões nacionais e regionais criou um grupo nacional de Discipulado. Junto desse grupo surgiu a Câmara do Discipulado. Ambos buscam fundamentar e estruturar a implantação do Discipulado na Igreja Metodista.

O Colégio Episcopal aprovou as diretrizes e as bases para o Programa de Discipulado. Destaca-se dentre o propósito de um Grupo de Discipulado o seguinte:

Reunir famílias e amigos da Igreja, que residam em um mesmo bairro, com o propósito de educar-nos e orientar-nos... e assim aprender a Palavra de Deus uns com os outros, servindo de apoio mútuo, em oração, amor e esperança;

Reunir grupos de novos convertidos, para que alcancem a maturidade em Cristo Jesus e sejam apresentados como obreiros que não tenham do que se envergonhar e que manejam bem a palavra da verdade... aprendam a ser disponíveis a Deus, descubram seus talentos e dons espirituais e desenvolvam seu ministério, amparados num caráter cristão justo, santo e irrepreensível;

Reunir irmãos e irmãs em grupos familiares, em bairros estratégicos, com o objetivo de acolher vizinhos e amigos que não conheçam o Evangelho, e demonstrem interesse em participar de um grupo de estudo bíblico e oração, ajudando-os a terem um encontro com Cristo;

Reunir a liderança formal e informal da Igreja para momentos de pastoreio mútuos, oração, comunhão e desenvolvimento do espírito de companheiros de jugo;



Reunir grupos de casais com o objetivo de partilhar experiências, estimular o convívio comum, estudar temas significativos que possam aperfeiçoar e aprofundar o relacionamento e a vivência comuns, à luz da orientação bíblica;

Reunir pessoas e grupos com objetivo de aprimorar a capacitação das pessoas visando o exercício de Dons e Ministérios, a intimidade no relacionamento com Deus e a convivência entre as pessoas;

Criar em qualquer das experiências acima um ambiente de fraternidade, comunhão e confiança, no qual as pessoas possam, durante momentos de estudos da Palavra de Deus, compartilhar suas lutas e sonhos e ajudar a acolher uns aos outros, fazendo novos discípulos e discípulas de Jesus.

O Discipulado não é mais um Programa da Igreja, Ele está em relação direta com a dinâmica de Dons e Ministérios, orientando os membros da Igreja no cumprimento da missão, sobretudo da Grande Comissão (Mt.; 28.18-20). A Igreja espera desenvolver o discipulado, pelo menos em três aspectos:

Crescimento e Maturidade dos novos membros;

Aprofundamento em vivência e comunhão da experiência cristã, caminhando na direção da Perfeição Cristã em todos os sentidos, pessoal, familiar, relacional, eclesial e social;

A capacitação das pessoas visando o desenvolvimento da missão e seus ministérios específicos.

CONCEITO

Discipulado é entendido não como um método, mas sim, um estilo de vida, uma maneira de ser, no expressar evangélico de nossa fé. Não visa de início ser um processo didático ou metodológico de aprendizagem. Nem mesmo uma forma pragmática de crescimento da Igreja. É algo bem mais relacional, que busca à luz do próprio Cristo, fundamentar a comunhão, a convivência, a comunicação e a forma de caráter das pessoas relacionadas com o Senhor e com a sua Comunidade- a Igreja, Corpo Vivo de Cristo. Essa foi a maneira de ser do Senhor com a sua comunidade primitiva e da comunidade apostólica, bem como a convivência inspiradora, fraternal e comunal do povo chamado metodista, a partir de sua grande expressão - João Wesley.

Resumindo, podemos dizer: cremos que o discipulado é um estilo de vida (mais do que um método, plano ou programa) onde a comunhão, a convivência, a intimidade, o relacionamento e a busca de caráter estão em contínuo processo de desenvolvimento.

ESCOLA DOMINICAL E DISCIPULADO

Existem aspectos comuns e diferenciados apresentados até aqui em relação à ESCOLA DOMINICAL e o DISCIPULADO.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Podemos dizer que um não elimina o outro. Isto significa que a ESCOLA DOMINICAL tem seu âmbito de ação específico. O mesmo acontece com o DISCIPULADO. Ambos possuem aspectos missionários e docentes. Cada um desenvolve esses aspectos conforme a sua maneira de ser.

A Escola Dominical tem uma tradição histórica com mais de duzentos anos. Isso não significa que mesmo antes de ter sido fundada e reconhecida os seus princípios norteadores não tivessem sido desenvolvidos na ação histórica do povo de Deus.

Nascida, em princípio, preocupada com as crianças, especialmente as pobres e as sem escola, voltou-se para essas procurando atendê-las em suas múltiplas necessidades. O referencial para a sua ação era o Evangelho e sua plena vivência.

Com o tempo a sua área de ação foi sendo ampliada, alcançando todas as pessoas, em todas as faixas etárias, conforme a sua especificidade e necessidade.

Para muitos tornou-se a Escola Bíblica Dominical, tendo a Bíblia como o centro. Para outros tornou-se o centro de conscientização, configuração e convivência do Evangelho, tendo como seu objetivo Ter Vida, Vida Plena em Cristo. A Bíblia aqui torna-se não um Centro, mas um instrumento orientador e norteador, um meio para alcançar-se um fim maior.

Pode ser que nos pareça que ESCOLA DOMINICAL E DISCIPULADO tenham um mesmo chão. Isso de certa forma ficou caracterizado quando vimos a ambos pertencentes a área comum da Educação Cristã.

O que poderíamos considerar peculiar e diferenciável ? Essa parece ser a nossa tarefa em nossa oficina de estudos.

Não basta usar o discipulado, como maneira de ser, na Escola Dominical e nem fazer do discipulado um novo espaço, vindo a eliminar ou a englobar o que consideramos como Escola Dominical.

A Escola Dominical continua tendo o seu espaço. Necessário torna-se reestruturá-la, dinamizá-la, dar-lhe nova configuração e relevância. As crianças continuam tendo nela a sua maior fonte de formação e evangelização, sem contudo menosprezar a família em sua responsabilidade educacional cristã. Os novos convertidos têm nela um centro formativo e de aprofundamento da fé. Os membros mais antigos continuam recebendo dela fundamentos e diretrizes para o seu aprofundamento de fé e ministério e o seu aperfeiçoamento de caráter e relacionamentos.

O discipulado nos desafia a um estilo de vida de maior intimidade, comunhão e convivência, através de grupos pequenos e da formação de uma liderança maior, que de certa forma está integrada num mesmo processo, sob a supervisão pastoral.

A Escola Dominical mantém a sua característica de reunir-se na igreja local, num dia e hora determinado - domingo.

O discipulado se desenvolve no decorrer da semana em locais diferenciados de acordo com certas características:



grupos familiares, espaço geográfico, divisão conforme objetivos diferenciados dos agrupamentos.

A Escola Dominical movimenta uma liderança leiga e pastoral supervisionado por uma Coordenadoria.

O Discipulado pressupõe a formação de uma liderança supervisionada pelo pastorado, que passa pelo mesmo processo discipular.

O Currículo da Escola Dominical é preparado pela Igreja objetivando grupos e faixas etárias diferenciáveis, segundo alguns princípios e objetivos pedagógica e metodologicamente definidos.

O Discipulado é preparado segundo objetivos pré- determinados visando alcançar-se grupos variáveis, conforme a sua configuração e a sua objetividade.

O DISCIPULADO BUSCA ALGO MAIS DO QUE SER UM PROCESSO EDUCATIVO

Ele é um estilo de vida, uma maneira de ser em que as pessoas se relacionam, entram em comunhão, acolhem umas as outras, compartilham o que são, sentem e carecem, oram umas pelas outras, louvam e adoram ao Senhor juntas, testificam a respeito da presença divina em suas vidas, estudam e interpretam a Palavra à luz da Graça, da Experiência, da Razão, da comunidade de fé e da vida.

Nesse sentido, vivem e cumprem o que temos na Palavra de Deus: levam os fardos uns dos outros- Gl.6.1-2; acolhem mutuamente um ao outro- Rm. 15.7; são o apoio e o suporte uns dos outros- Cl. 3.13; perdoam-se mutuamente- Ef. 4.32; expressam o amor uns para com os outros, andando em amor como Cristo os amou -Ef.5.1-2; o mais forte é convidado a suportar e ser o suporte do mais frágil- Rm.15.1-2- conforme Cristo agiu...Dessa maneira poderíamos ir ampliando a dimensão da convivência discipular.

Esse estilo de vida houve em Cristo Jesus e sua comunidade apostólica e Wesley vivenciou essa mesma realidade na dinâmica da vida cristã presente em sua comunidade primitiva metodista. Dessa forma o processo de santificação tornou-se de alcance relacional pessoal e social.

Bispo Nelson Luiz Campos Leite

1º Congresso de Escola Dominical – abril/maio 2001

Escola Dominical feita pra mim e pra você



O ENSINO NA VIDA DO POVO DE DEUS (1)

Bispo Josué Adam Lazier

INTRODUÇÃO

A Bíblia deixa clara a preocupação com a educação cristã do povo de Deus. Encontramos várias recomendações para que o ensino não fosse esquecido em circunstância nenhuma. Ele está inserido em todas as tradições presentes no Antigo e no Novo Testamentos, pois através dele a revelação de Deus foi transmitida, no início oralmente, por diversas gerações e, finalmente, fixado por escrito. Foi um processo lento, mas eficiente, pois diversas tradições foram perpetuadas através dos contadores de histórias, ou seja, pais, anciãos, profetas, sacerdotes, mestres, sábios, poetas e cantores que transmitiram preciosos ensinamentos.

Poderíamos estudar sobre o ensino na Bíblia seguindo alguns caminhos:

Seguir as etapas históricas pelas quais o povo de Deus passou, tanto no Antigo como no Novo Testamento;

Estudar alguns livros considerados educativos propriamente, tais como Provérbios, Deuteronômio, Eclesiastes, etc;

Pesquisar alguns termos considerados chaves e que ajudariam no estudo sobre o tema da educação;

Analisar as diversas tradições, ou algumas delas, presentes nos dois testamentos. Encontraremos, seja qual for o caminho a ser seguido, duas ênfases: Deus é apresentado como o principal educador (Sl 71.17, 143.10; Dt 11.2-7; e outros)⁽²⁾ e a família como a principal agência de educação (Provérbios 1.8, 13.24; Êx 13.8-9, 13.16; e outros)⁽²⁾. Portanto, a Bíblia é educação, muito embora não fale sobre o tema da educação propriamente dita.⁽³⁾

I - LUGARES ONDE ACONTECIA A EDUCAÇÃO CRISTÃ DO POVO DE DEUS

1.1 – O Lar

Não se encontra na literatura antiga referência a professores. A educação acontecia dentro de casa. Era comum a mãe ficar responsável pelas filhas até o casamento e os pais iniciavam seus filhos na sua profissão o mais cedo possível. Na tradição de Israel o ensino era de responsabilidade dos pais. O primeiro dever era ensinar os mandamentos a seus filhos e contar as maravilhas realizadas por Deus a favor do seu povo - Dt 4.9; Dt 6.4-9; Dt 11.18-19.⁽⁴⁾ Além disto, o pai, que dividia a tarefa com a mãe, exercia a função pastoral da família.⁽⁵⁾

No seu ministério, Jesus freqüentou algumas casas, tais como a de Pedro - Mt 8.14; Marta e Maria - Lc 10.38; Zaqueu - Lc 19.5, etc. Na Igreja Primitiva a prática foi a mesma: os cristãos reuniam-se de casa em casa - Atos 2.46; Atos 16.40, etc. Para referir-se a Deus usou

Escola Dominical feita pra mim e pra você



1.2 – O Templo

Embora o Templo fosse lugar de culto e sacrifícios, encontramos evidências de que nele acontecia a educação das crianças. Samuel, embora não fosse descendente de sacerdotes e nem de levitas, foi dedicado por sua mãe ao Templo e ficou sob os cuidados do sacerdote Eli, que assumiu a responsabilidade de educá-lo - I Sm 1.11.

Lucas relata o episódio ocorrido com Jesus quando tinha doze anos de idade. Foi levado ao Templo pelos pais e quando José e Maria o procuraram, encontraram-no debatendo com os doutores de Israel – Lc 2.46.

1.3 – A Sinagoga

A Sinagoga surgiu durante o período do Exílio e tornou-se o centro da vida do povo. Nela havia escola, sala de justiça, lugar dos códigos, culto, festas, estudos e reuniões. A Sinagoga girava em torno da lei: midrash - perscrutar a lei; Talmud - ensinar a lei; Mishna - repetir a lei; Targum - traduzir a lei. A sinagoga se espalhou por todos os cantos de Israel e fora dos limites da Palestina. Ela governava a vida diária do povo, educando as crianças e oferecendo estudos aos adultos, etc.⁽⁶⁾

A Sinagoga foi freqüentada por Jesus e por seus discípulos e apóstolos, pois nela um grande número de pessoas se reunia para estudar. Os cristãos primitivos aproveitaram estes momentos para apresentar a mensagem de Deus - Mts 4.23; Atos 14.1, etc.

1.4 – A Escola de Profetas

Entre os profetas também são encontrados exemplos de discipulado. No capítulo 2 de II Reis encontramos três alusões a escolas de profetas localizadas em Gilgal, Betel e Jericó. Provavelmente o líder destas escolas era o profeta Elias e o objetivo destas escolas era o ensino da tradição e religião de Israel. Eliseu foi chamado para ingressar no discipulado e abandonou tudo para "seguir" ao profeta Elias (I Reis 19.19). Outros profetas tiveram seus grupos de seguidores. Entre eles podemos citar Jeremias (Jer 36.6-8) e Amós (Am 7.14). Pode ser mencionado também o profeta Isaías. Sua mensagem esteve presente em 3 períodos da história de Israel (Monarquia, Exílio e Pós-exílio), e isto deve ter acontecido por causa de discípulos que guardaram os oráculos de Isaías e os transmitiram ao povo.

1.5 – As Festas

São várias as festas celebradas pelo povo de Deus, no período do Antigo e do Novo Testamento. Nestas festas acontecia a educação do povo, pois textos eram lidos e explicados, motivando a celebração e as ações de graças; cânticos eram cantados, expressando a fé e o sentimento do povo; confraternização e troca de experiências entre as famílias criava um clima de compartilhamento de uns para com os outros; a oração e a ceia eram elementos pedagógicos muito significativos entre o povo; etc.

Nas festas se lembrava o que Deus fizera no passado e se agradecia a oportunidade de conhecer e viver estas experiências. Por exemplo, a festa da Páscoa: o povo recordava a libertação do Egito. Assim, as festas cumpriam também uma função educativa.



1.6 – Discipulado

Foi uma estratégia que Jesus usou para preparar seus discípulos para o cumprimento da missão. Em Marcos 3.13-15 está o relato do discipulado que Jesus desenvolveu. O objetivo do discipulado era o atendimento das multidões (Mt 9.36-10.1) e a evangelização e ensino (Mt 28.18-20).

Paulo também desenvolveu uma cadeia de discípulos: Áquila e Priscila, Timóteo, Tito, Silas, e outros. Em II Timóteo 2.2, exorta Timóteo a transmitir para outros o que tinha aprendido consigo, e que estes outros também passassem para frente o que aprendessem.

No Antigo Testamento há evidências de que o discipulado foi usado como estratégia de ensino e para o cumprimento da missão.

Josué foi ajudante de Moisés durante muitos anos, e com a ausência deste tornou-se o líder do povo. Elias tinha uma escola de profetas, os quais transmitiram sua "mensagem" para todos os cantos. O Discipulado era orientado “para a evangelização, a piedade e a santidade pessoal e uma missão reprodutora de fazer discípulos...”. (7)

II - A EDUCAÇÃO NA IGREJA PRIMITIVA

Não se tem muita informação sobre o método de educação na Igreja Primitiva. Atos 2.42-26 dá algumas informações. O que sabe com certeza é que a Igreja Primitiva desenvolveu um processo de educação de seus membros. As atividades que Atos relata só podem ter sido ensinadas aos novos cristãos. A prática da Ceia do Senhor, o Batismo, a oração do Pai Nosso, etc., chegou aos novos convertidos através de algum método de educação.

O Novo Testamento destaca a função do mestre e do ensino. Em I Coríntios 12.28, Paulo coloca o dom do "mestre" em terceiro lugar. O ensino foi fundamental na preparação dos novos membros para o batismo. Foi fundamental também para a transmissão da tradição cristã, que se constituía das palavras, ensinamentos e atos de Jesus Cristo. Para a compreensão de muitas coisas que Jesus disse e ensinou o uso do Antigo Testamento foi necessário e determinante. Isso dá evidência de que algum método de ensino foi usado e de que a educação cristã na igreja foi observada com bastante rigor.

Um documento que testemunha isto é um livreto escrito pelos líderes da igreja no final do primeiro século da era cristã, chamado *DIDACHÉ* - "doutrina dos doze apóstolos". O *Didaché* contém instruções baseadas nas palavras de Jesus ensinadas pelos apóstolos para aqueles que queriam seguir a Cristo. Este livreto se divide em 3 partes: 1º) fala do caminho da vida e do caminho da morte; o caminho da vida consiste na prática das virtudes cristãs como amor, partilha, serviço, etc; 2º) apresenta os rituais praticados pela igreja, tais como: batismo, jejum e oração, santa ceia, etc; 3º) trata-se da organização da comunidade cristã. Ensina alguns princípios práticos para os missionários, profetas e mestres. Este livreto apresenta várias orientações práticas e princípios que deviam ser observados pelos novos convertidos. Demonstra assim, que a educação cristã era praticada pela Igreja Primitiva.

Além do *Didaché*, podemos citar os seguintes documentos como evidenciam a educação cristã dos primeiros cristãos:



a) Querigma Primitivo – O que é querigma primitivo? Significa pregação, anúncio. Consiste no anúncio de certos acontecimentos históricos feitos de tal modo que se pode perceber também seu significado particular.⁽⁸⁾ O texto considerado a base do Querigma e o esboço da teologia do novo testamento se encontram em I Cor 15.3-5. Para Dodd é o esboço fundamental da Teologia do Novo Testamento.⁽⁹⁾ Portanto o Querigma é Jesus Cristo Crucificado e ressuscitado. É a ação salvífica de Deus;

b) Confissões de fé - São muitas as confissões de fé que a Igreja Primitiva produziu e conservou fundamentada no querigma primitiva. Estas confissões eram usadas por ocasião dos batismos. Apresentam-se em formulações breves e expressivas: Rm 1.3-4, I Pd 1.18-21;

c) Exortações – São ensinamentos éticos: Rm 12.1-15.13; Gl 5 e 6; Ef 4,5 e 6;

d) Hinos – Se referem a peças que manifestam um caráter poético e descrevem o caminho que Jesus percorreu. A adoração e o louvor estão presentes nos hinos. Ex: Rm 11.33-36, Fp 2.6-11 e I Tm 3.16.

O apóstolo Paulo também desenvolveu seu ministério tendo com estratégia a formação dos novos membros: Em I Coríntios 2.11-12 encontramos uma tríade nestes versículos como consequência do amor: “*exortamos, consolamos e admoestamos*” para que os Tessalonicenses vivessem de modo digno. São palavras que carregam significados profundos e importantes. É necessário conhecer o sentido destas palavras, pois ele se perde na tradução para o português.

Vejam os:

parakaléo - traduzido por exortação tem o sentido de *chamar ao lado para consolar*; *parameno* - traduzido por consolação tem o sentido de *ficar ao lado de, encorajar e martureo* - traduzido por admoestação mas tem o sentido de *dar testemunho, declarar as coisas de Deus*.

São 3 expressões de amor. Os dois versículos enfocados aqui revelam o método usado por Paulo na evangelização de Tessalônica. Em I Tessalonicenses 5.14, Paulo orienta a Igreja de Tessalônica a continuar o cumprimento de sua missão. Se no início da carta destaca a fé, o amor e a esperança dos tessalonicenses (1 Tes. 1.3) e no versículo 8 do mesmo capítulo fala que a Igreja de Tessalônica estava cumprindo Atos 1.8, pois o evangelho entre eles era conhecido na Cidade, no Estado, no Estado vizinho e em todos os lugares. No texto de 5.14 orienta os cristãos de Tessalônica para exortar os insubmissos, socorrer os desanimados, consolar os fracos e agir com paciência para com todos. Em Colossenses 1.24-29 Paulo fala das duas ênfases no seu ministério: proclamação e ensino. Depois da Evangelização vem uma etapa que deve ser contínua e permanente, pois através dela o cristão será levado à maturidade cristã. No versículo 29 Paulo relaciona palavras que indicam o esforço que teve para evangelizar e ensinar os Colossenses.

III – A PEDAGOGIA DE JESUS

Jesus foi um mestre por excelência. De homens rudes e despreparados, formou evangelistas, apóstolos, pregadores, mestres, escritores, mártires e servos do Reino de Deus. Podemos destacar os seguintes aspectos pedagógicos de Jesus:



MODELO - Jesus foi o modelo daquilo que ensinou (Jo 14.6; Hb 2.10). Ele encarnava suas palavras. Isto deu-lhe uma autoridade diferente da dos escribas e rabinos da época, que lançavam mão das tradições farisaicas para impor sua compreensão da lei (Mc 1.22), e adquiriu a confiança do povo.

SERVIÇO - "Um dos elementos essenciais para a qualificação de um professor é o interesse que deve ter pelo povo e o desejo de servi-lo bem, de ajudá-lo".⁽¹⁰⁾ Esta característica era muito evidente em Jesus:

- via o povo como ovelha - Mc 6.34;
- tocou o leproso - Mc 2.27 - o leproso era considerado um pecador e sofria uma marginalização, além da religiosa, a social. Era proibido tocar no leproso sob pena de ficar imundo e impuro como ele. Jesus tocou-o e devolveu-lhe a dignidade humana;
- afirmou várias vezes que veio para servir e não para ser servido - Mt 20.29;
- contou parábolas onde abordou o perdão e o amor - *ovelha perdida* (Lc 15.3-7) - *filho pródigo* (Lc 15.11-32); etc.

CRENÇA NO ENSINO - Jesus distinguiu-se como um "mestre", não como os mestres rabinos que fizeram uma interpretação legalista e farisaica da lei. É chamado várias vezes de mestre pelo povo. Apesar de pregar muitas vezes, nunca foi chamado de pregador e sim de mestre. Frequentou vários lugares onde pregou e ensinou: Templo - Mc 21.12; Sinagogas - Mt 4.23; Montes - Mt 5.1; Cidades - Mt 8.5; Casas - Mt 8.14; Mar/lago ou barco - Mt 4.18; Deserto - Mt 4.1 e Fora de Israel - Mt 15.21. Além deste ministério público de ensino, desenvolveu um ministério privado, no qual chamou, preparou e enviou discípulos em Missão - Mc 3.13-14. H. Palmer diz: "Creio tanto no ensino que, se necessário fosse, pagaria pelo privilégio de ser mestre em vez de receber algo por ensinar".⁽¹¹⁾ É este o exemplo que Jesus dá.

COMPREENSÃO DA NATUREZA HUMANA - O professor da Escola Dominical, além de conhecer bem as escrituras e ter o hábito de estudá-las e preparar bem a lição a ser estudada, precisa ter conhecimento da natureza humana. Isto é importante para perceber-se o que se passa no íntimo de um/a aluno/a. Jesus demonstrou esta capacidade - Jo 2.25.

CONTADOR DE HISTÓRIAS OU PARÁBOLAS - Jesus contou muitas histórias em forma de parábolas. Não se encontra em lugar algum uma literatura que possa fazer paralelo com as parábolas de Jesus. As parábolas não são alegorias, são sim experiências do dia a dia que Jesus observou e usou para ilustrar seus ensinamentos e pregações. Os Evangelhos nos transmitiram um total de **65 parábolas de Jesus**. Alguns estudiosos elevam este número de parábolas para 83, considerando que algumas narrativas são comparações e, portanto, parábolas.⁽¹²⁾

O uso destas parábolas foi um método usado por Jesus para facilitar sua comunicação com as pessoas, especialmente com os discípulos. Portanto, ao estudarmos as Parábolas estamos estudando um método bem particular de Jesus falar. Parábola "é uma comparação que faz pensar. É uma história de fácil compreensão com base fundamental numa comparação".⁽¹³⁾ Jesus usa histórias que observou entre os camponeses que viviam na Galiléia, por isso suas parábolas falam de agricultores, vida pastoril, etc.



As Parábolas podem ser classificadas em: (14)

- Parábolas de Salvação - Mateus 9.12-17
- Parábolas de Misericórdia - Lucas 15.8-32
- Parábolas de Confiança - Mateus 13.3-9
- Parábolas de Urgência - Mateus 24.43-44 24.45-51 25.14-20
- Parábolas de Exigências - Mateus 22.1-10
- Parábolas do Discipulado - Mateus 7.24-27
- Parábolas de Julgamento Final - Mateus 25.31-46

O uso destas parábolas foi um método usado por Jesus para facilitar sua comunicação com as pessoas, especialmente com os discípulos.

DISCURSOS - São vários os discursos de Jesus narrados nos Evangelhos. Como exemplo citamos os sermões de Mateus: 5-7 – Sermão do Monte; 10 – Sermão Missionário; 13 – Sermão Parabólico; 18 – Sermão Eclesiástico e 26-27 – Sermão Escatológico. Mas o número de sermões registrado nos Evangelhos chega a 60, dirigidos aos discípulos e às multidões.

GESTOS - Jesus usou gestos para comunicar-se com os discípulos e com as multidões. Podemos destacar o episódio da caminhada de Emaús (Lc 24.13-35), quando no partir do pão os discípulos reconheceram que o companheiro de viagem era Jesus.

USO DE OBJETOS - São vários os exemplos, destaca-se entre eles o lava-pés (Jo 13.1-15), quando Jesus a bacia, a água e a toalha para lavar os pés dos discípulos em cumprimento a um costume cultural da época. No caso do pagamento dos impostos usou a moeda para dar sua resposta (Mt 22.15-22).

CONCLUSÃO

Diante destes fundamentos bíblicos que motivam a ação docente da Igreja, podemos refletir sobre a importância da Escola Dominical em nossos dias:

- Que “lugares” têm sido usados pela nossa igreja para realizar a tarefa docente?
- Que aspectos pedagógicos podem ser destacados como necessários para a educação cristã da nossa membresia?
- O contexto doméstico tem sido usado na formação de nossos filhos e nossas filhas?

Bispo Josué Adam Lazier
I Congresso Nacional de Escola Dominical



BIBLIOGRAFIA UTILIZADA E INDICADA (Básica)

- CELADEC, La Eucación a la luz de la Palabra, Cuaderno de Estudio n.º 25, 1984.
- CELADEC, La Eucación a la luz de la Palabra, Cuaderno de Estudio n.º 25, 1984.
- Daniel-rops, Henri, A Vida Diária nos Tempos de Jesus, Vida Nova.
- Siqueira, Tercio Machado, Família e Estrutura Social no AT, em Revista Caminhando n.º 7, I. Metodista.
- Brephol, Dieter, A Missão da Igreja e a Formação de Líderes, em A Missão da Igreja, organizada por Steuernagel, Valdir R., Missão Editora.
- Dodd, C.H., Segundo as Escrituras - Estrutura Fundamental do Novo Testamento, E. Paulinas.
- Price, J.M., A Pedagogia de Jesus, JUERP.
- Dodd, C.H., Segundo as Escrituras - Estrutura Fundamental do Novo Testamento, E. Paulinas.
- Anderson, Ana Flora - Gorgulho, Gilberto, Parábolas: A Palavra que Liberta, 1989.
- Jeremias, Joaquim, As Parábolas de Jesus, Edições Paulinas.

NOTAS

- 1-Material apresentado no 1º Congresso Nacional de Escola Dominical
- 2- CELADEC, La Eucación a la luz de la Palabra, Cuaderno de Estudio n.º 25, 1984, pg 34.
- 3- CELADEC, La Eucación a la luz de la Palabra, Cuaderno de Estudio n.º 25, 1984, pg 32
- 4- Daniel-rops, Henri, A Vida Diária nos Tempos de Jesus, Vida Nova, pg. 78.
- 5-Siqueira, Tercio Machado, Família e Estrutura Social no AT, em Revista Caminhando n.º 7, i. Metodista, pg. 21.
- 6-Daniel-Rops, op. cit., pg. 239.
- 7- Brephol, Dieter, A Missão da Igreja e a Formação de Líderes, em A Missão da Igreja, organizada por Steuernagel, Valdir R., Missão Editora, pg. 146.
- 8- Dodd, C.H., Segundo as Escrituras - Estrutura Fundamental do Novo Testamento, E. Paulinas, pg 7.
- 9-Dodd, C.H., Segundo as Escrituras, op. cit., pg 8.



10-Price, J.M., A Pedagogia de Jesus, JUERP, pg. 12.

11- Citado por Price, J.M., A Pedagogia de Jesus, JUERP, pg. 17.

12- Anderson, Ana Flora - Gorgulho, Gilberto, Parábolas: A Palavra que Liberta, 1989, pg. 29-30.

13- Anderson, Ana Flora - Gorgulho, Gilberto, Parábolas: A Palavra que Liberta, 1989, pg. 13.

14- Jeremias, Joaquim, As Parábolas de Jesus, Edições Paulinas, capítulo III, pg. 115-228.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



O PAPEL DA ESCOLA DOMINICAL NO METODISMO BRASILEIRO

Bispo Adriel de Sousa Maia

INTRODUÇÃO

Fui convidado pela coordenação da programação para preparar um estudo focalizando aspectos importantes da caminhada da Escola Dominical no contexto brasileiro. Assim, estarei neste breve estudo trazendo à memória alguns acontecimentos desta história com muitas marcas positivas na vida da nossa Igreja Metodista.

Na verdade, não temos um farto material bibliográfico sobre a Escola Dominical. No final deste modesto trabalho, estarei fornecendo essas informações bibliográficas, especialmente para aquelas pessoas que gostariam de dar continuidade a este estudo. Entretanto, ressaltamos a contribuição de dois trabalhos importantíssimos. O primeiro trata-se de um trabalho produzido pelo Bispo Emérito da Igreja Metodista Paulo Ayres Mattos intitulado: “Mais de um Século de Educação”. Essa obra foi realizada a pedido do Conselho Geral das Instituições Metodista de Ensino (COGEIME) no ano de 2000. No presente trabalho o Bispo Paulo Ayres dedica várias páginas do seu trabalho apontando a dinâmica da Educação Cristã e, conseqüentemente, neste capítulo insere a agência denominada Escola Dominical. A segunda contribuição refere-se a uma dissertação de Mestrado sobre Educação Cristã de autoria de Célia Bretanha Junker. É um bonito trabalho de pesquisa que procura colocar em evidência a importância histórica da Escola Dominical no contexto da Educação Cristã.

Finalmente, pretendo destacar neste trabalho os seguintes itens:

- I. Os primórdios da Escola Dominical.
- II. Caminhada da Escola Dominical em terras brasileiras.
- III. Conclusão
- IV. Bibliografia

I. PRIMÓRDIOS DA ESCOLA DOMINICAL

O movimento embrionário que deu origem à Escola Dominical começou no ano de 1780, na cidade de Gloucester, no Sul da Inglaterra. Robert Raikes é considerado o Pai da Escola Dominical, ele tinha 44 anos, era jornalista da Igreja Episcopal, e trabalhava como redator do “Gloucester Journal”. No livro Sementes e Flores para a Escola Dominical o seu autor Hoerchne, relata como o jornalista inglês lançou os seus fundamentos dessa grande instituição:

“Em Gloucester, como certamente em muitas outras grandes cidades do mundo, naqueles tempos, os moleques, crianças pobres, sujas e maltrapilhas, infestavam as ruas, provocavam barulho com brincadeiras e causavam não poucos distúrbios na vida urbana. Os pais dessas crianças, por extrema miséria ou por negligência ou completa incapacidade, não se incomodavam muito com elas. Durante os dias da semana, as maiores tinham trabalho nas fábricas, nas vendas ou corriam pelas ruas oferecendo jornais ou engraxavam sapatos; mas, aos domingos, quando tais ocupações cessavam, as ruas daquela cidade da Inglaterra tornavam-se teatro de toda a sorte de jogos, brinquedos e rixas, para os petizes, sem qualquer educação e sem qualquer freio que os contivesse.”

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Robert Raikes contemplando o quadro de abandono dessas crianças, bem como um futuro não promissor para as mesmas, organizou a partir dessa necessidade, no ano de 1780, uma atividade aos domingos que tinha o objetivo de proporcionar às crianças um trabalho de orientação moral organizando escolas de civismo e educação religiosa. O trabalho era abrangente. Incluía lições básicas de princípios morais e, posteriormente, passou a ensinar a ler, a escrever e o currículo contemplava o catecismo da Igreja. Raikes custeava do seu próprio bolso ou com a ajuda de amigos o programa de atendimento às crianças.

Evidentemente, a iniciativa do jornalista Robert Raikes conseguiu dividir as opiniões. Um grupo considerava profanador do domingo. “Temerosos de que a presença de crianças pouco comportadas profanasse os templos, pois a obra iniciada nas ruas, incentivou a participação dessas crianças nos cultos, sofrendo muita pressão, começaram a chamá-lo de “Mestre dos maltrapilhos”, “Pai e Tutor de vagabundos e malcriados”, “Professor de moleques”, “Professor dos pobres”, etc.” De outro lado, a imprensa da época comentava, favoravelmente, a relevância da iniciativa inédita do jornalista Raikes.

Para fins de registros históricos temos as seguintes datas sinalizadoras:

Ú1780 – Como já foi dito é considerado o início desse grande movimento de educação.

Ú1781/1782 – A organização mais permanente, verificou-se em fins de 1781 e, provavelmente, nos primeiros meses do ano de 1782.

Ú1783 – No dia 03 de novembro de 1783 é considerado o dia do aniversário de fundação da Escola Dominical.

Ú1786 – A Escola Dominical contava com 250 mil alunos/as matriculados/as nos diferentes segmentos espalhados pela Inglaterra.

Ú1811 – Na data do falecimento de seu fundador, Raikes, já havia cerca de 400 mil alunos/as.

Não há dúvida que a semente lançada há mais de 200 anos tem produzido muitos frutos. Já na época de Robert Raikes encontramos a seguinte afirmativa de João Wesley:

“Estou sinceramente convencido de que essas Escolas Dominicais são a Instituição mais nobre, vista desde alguns séculos na Europa, e crescerão cada vez mais, contanto que os seus professores e dirigentes cumpram o seu dever”.

II- A ESCOLA DOMINICAL EM TERRAS BRASILEIRAS

a) O Nascedouro da Escola Dominical.

Segundo Rodolfo Anderss, “as primeiras classes protestantes de catecismo datam do século XVI, organizadas na cidade de São Sebastião do Rio Janeiro, para os filhos de calvinistas e de colonos que aceitaram a mensagem do amor de Deus. No século XVII, a missão holandesa, no norte do país, creio também escolas de catequese.”



Na pesquisa realizada pelo Dr. Carl Joseph Rahn: “afirma que a Escola Dominical teve início no Brasil, em 19 de agosto de 1855, na cidade de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, sendo fundador Robert Read Kelley e sua esposa Sarah Poulton Kelley, da Igreja Congregacional.”

Entretanto, numa outra pesquisa realizada pelo Prof. Dr. Duncan Alexandre Reily constatou que a Escola Dominical teve início antes de 1855. O primeiro missionário metodista, no Brasil, Justin Spaulding, chegou com sua família na cidade do Rio de Janeiro, em 29 de abril de 1836, segundo Reily, “organizou uma pequena Escola Dominical, a primeira no Brasil, e projetou uma escola diária, antes de completar um mês de permanência no Brasil.”. Há um relatório riquíssimo de Justin Spaulding sobre a presença metodista no solo brasileiro. Ei-la:

“Conseguimos organizar uma Escola Dominical, denominada Escola Dominical Missionária Sul-Americana, auxiliar da União das Escolas Dominicais da Igreja Metodista Episcopal (...) Mais de 40 crianças e jovens se tornaram interessados nela (...) vieram, voluntariamente, com seus vinténs, a fim de contribuir para o mesmo objetivo, isto é, compra de livros para Escola Dominical, pois nessa época inexitem revistas, e continua até agora. A importância arrecadada soma dez ou doze mil reais (quase oito dólares) (...) Está dividida em oito classes com quatro professores e quatro professoras. Nós nos reunimos às 16:30 horas aos domingos. Temos duas classes de pretos, uma fala Inglês, a outra português. Atualmente parecem muito interessados e ansiosos por aprender...”

A Professora Célia lembra em sua dissertação de mestrado que há uma grande diferença entre a Escola Dominical iniciada por Robert Raikes, na Inglaterra. Esta iniciou com o objetivo de atender às necessidades das crianças nas ruas de Gloucester, especialmente proporcionando às crianças a educação moral e cívica, bem como ensiná-las a ler e escrever, e o catecismo da Igreja. Já no Brasil, a Escola Dominical, sob a coordenação de Spaulding com os Kelley, não teve a preocupação com o ensino secular. Assim, a preocupação centrava no ensino religioso, tendo-se em vista a vida religiosa da pessoa. Realmente, é uma diferença que faz muita diferença e, portanto, merece ser considerada com muita profundidade.

Ainda nessa mesma direção, a citada professora recorda que “a Escola Dominical desempenhou papel vital e integral nas Igrejas Evangélicas Brasileiras. A grande maioria dessas igrejas desenvolveu-se a partir das EE.DD. Em muitos lugares a ED era a própria Igreja (...) no Brasil, esta escola serviu para um propósito bem diferente. Enquanto na Inglaterra ela desenvolveu-se dentro dos limites paroquiais e serviu para os ministérios paroquiais, educacionais e sociais no nosso país, devido a falta do ministério paroquial, a ED, juntamente com o “culto doméstico” dos “crentes”, tornou-se núcleo de uma nova igreja, e, em muitas localidades, a única igreja que o povo daquela área conhecia. Nos postos avançados da ED, que recebiam visitas ocasionais do missionário, homens, mulheres e crianças aprendiam a cultuar a Deus sob liderança leiga.” Ainda, o testemunho do primeiro missionário presbiteriano, Ashbel Green Simonton, oriundo da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, no dia 28 de abril de 1860, registra o seguinte: “Domingo passado, dia 22, dirigi uma Escola Dominical em minha casa. Foi meu primeiro trabalho em português. A Bíblia, o Catecismo de História Sagrada e O Peregrino, de Bunyan, foram os nossos textos.”

Não há dúvida, a Escola Dominical, no Brasil, foi um espaço privilegiado para a educação cristã, bem como, um eixo importantíssimo no processo de capacitação de obreiros leigos e obreiras leigas. É bom ressaltar que as Escolas Dominicais, historicamente, iniciaram-se em salas de casas de famílias e, posteriormente, em consolidadas igrejas com espaçoso templo.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



Portanto, a Escola Dominical colaborou, efetivamente, para o avanço do evangelismo em terras brasileiras.

b) A Escola Dominical no ambiente metodista.

O Prof. Almir de Souza Maia no texto de apresentação do livro Mais de um Século de Educação Metodista, faz a seguinte afirmativa: “A educação é parte indissociável da Igreja Metodista, desde quando João Wesley iniciou o movimento que viria a resultar na criação da Igreja, no século XVIII. O próprio João Wesley, ao inaugurar a primeira escola metodista, a Kingoswood School, na Inglaterra, lembrou o texto de Provérbios 22.6: Ensina a criança no caminho em que deve andar e, ainda, quando for velho, não se desviará dele...” Nessa mesma linha de pensamento, pode-se afirmar que “o metodismo é um movimento religioso confessional evangélico eminentemente educacional, fruto da visão de João Wesley e dos primeiros metodistas sobre o caráter integral do Evangelho”. Portanto, nós, metodistas brasileiros, recebemos uma excelente herança dentro do eixo da educação dentro de suas diversas vertentes. A vertente da educação cristã permeou o metodismo desde o seu nascedouro aqui, no Brasil. E, não há sombra de dúvida, sobre o papel da Escola Dominical no contexto da Educação Cristã. Para apontar este papel preponderante utilizo alguns referenciais pesquisados pelo Bispo Paulo Ayres Mattos no seu trabalho realizado a pedido do COGEIME.

Assim vejamos os seguintes itens dentro de um cronograma da nossa caminhada histórica:

1- O metodismo brasileiro sempre deu prioridade à capacitação de sua liderança. A partir da primeira tentativa de colocar a bandeira metodista no solo brasileiro em 1836 do missionário norte-americano Spaulding, organizou na cidade do Rio de Janeiro uma Escola Dominical com cerca de 30 alunos, entre o grupo alguns brasileiros receberam a ministração do Evangelho em nossa própria língua.

2- Com a presença definitiva do metodista, no Brasil, a obra de evangelização, duas agências contribuíram significativamente para a consolidação do metodismo: a Escola Dominical e as Sociedades.

3- No ano de 1934, no seu 2º Concílio Geral, o metodismo brasileiro adotou a definição de seus fins, ou seja, sua missão, como:

“proporcionar aos seus membros meios para alcançarem pessoal e socialmente uma experiência progressiva, inspirada e alimentada por Jesus Cristo; promover o culto a Deus, a pregação de sua palavra, e a devida administração dos sacramentos; manter a fraternidade cristã; e evangelizar o mundo”. (Cânones da Igreja Metodista, 1934, São Paulo, SP; Imprensa Metodista, 1934, p 18). Para atender essa proposta a Igreja Metodista adotou uma estrutura organizacional elegendo três áreas de ação do metodismo histórico: evangelização, educação e ação social. Para a capacitação de seus membros conforme já foi mencionado duas agências ocuparam espaços importantíssimos: Escolas Dominicais e grupos societários. Assim, onde o metodismo se estabeleceu houve um grande esforço para organizar o seu laicato a partir dessas duas organizações.

4- Segundo registros históricos em meio à crise dos anos 60 surgiu uma proposta de uma terceira agência, objetivando ao preparo dos membros da Igreja Metodista: o programa de capacitação do laicato. Na verdade, essa proposta não conseguiu “decolar”.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



5-Logo no início do metodismo no Brasil surgiram as escolas dominicais, por exemplo: no Rio de Janeiro e em Piracicaba/SP. Elas chegaram a preceder à organização das congregações locais. Nessa direção, o movimento da Escola Dominical veio a se tornar um dos sustentáculos da expansão do metodismo no período que antecedeu 1930.

6-Por exemplo, no ano de 1930, ano da autonomia da Igreja Metodista, a matrícula nacional das 323 escolas dominicais era cerca de 18.000 alunos e professores/as, sendo que, na ocasião, 15.631 pessoas se achavam arroladas como membros da Igreja Metodista.

7-O Bispo Paulo Ayres ressalta em sua pesquisa: “A legislação aprovada pelo 2º Concílio Geral em 1934 normatizou pormenorizadamente a estrutura e o funcionamento das escolas dominicais metodistas. A legislação permaneceu quase a mesma até o Concílio Geral de 1970-1971, sendo as alterações canônicas introduzidas naquele período mais de forma de conteúdo.”

8-Não há dúvida que o movimento da Escola Dominical foi o órgão mais importante da igreja local, bem como o grande espaço de preparação doutrinária alcançando o maior contingente de pessoas. O período de seu maior crescimento se deu na década de 50 quando pulou de 43.218 alunos e professores/as em 1950 para 61.483 alunos e professores/as em 1960. O Bispo Ayres alerta: “a matrícula total das escolas dominicais desde o princípio do século até os anos 50 sempre significativamente excedeu o número de membros professos da Igreja.”

9-E, ainda, as Escolas Dominicais metodistas, no período de 30 a 70 atingiram o seu ápice numérico na primeira metade da década de 60, com as marcas de 758 escolas dominicais e quase 70.000 alunos e professores/as. Assim, o Bispo Ayres, sublinha: “é de chamar atenção, contudo, o fato de que em relação à segunda metade da década de 50, até então o quinquênio de maior crescimento em números absolutos de nossas escolas dominicais (saldo de 12.685 novos alunos), a primeira metade dos anos 60 já apresentou um índice menor de crescimento do setor. Enquanto naquele quinquênio 42 novos alunos foram matriculados a cada domingo, nos anos 60 a média caiu para apenas 29 novos alunos. No final da década, pela primeira vez na história do metodismo autônomo, a matrícula das escolas dominicais apresentou crescimento negativo de (-) 1.862 alunos sobre o quinquênio anterior. Foi o sinal da tempestade que havia chegado.”

10-O Concílio Geral de 1970-1971 ocorreu uma mudança na estrutura geral da Igreja Metodista. Ou seja, o desmonte das Juntas Gerais. Na realidade, estruturas já abaladas pelas graves crises da segunda metade do quinquênio dos anos 60. Essa decisão atingiu o coração da Escola Dominical. Segundo o Bispo Ayres “tal decisão vai atingir fatalmente os órgãos responsáveis pelo funcionamento da Escola Dominical. A Junta Geral de Educação Cristã desde os anos 30 foi o órgão maior responsável pela implantação em toda a Igreja das ações motivadoras, mobilizadoras, articuladoras e organizativas das igrejas locais, dos distritos e das regiões eclesiais em favor da Escola Dominical.”

11- De lá para cá, na verdade, várias decisões foram tomadas, a fim de buscar um “porto seguro”. Vejamos:

- De 71 a 74 o Departamento de Escola Dominical passa para a responsabilidade da Comissão de Educação Cristã e a produção dos periódicos da Escola Dominical para o Departamento Geral de Comunicações, através da Comissão Geral de Currículo do Conselho Geral.



- “De 75 a 78 não houve um órgão específico para a Escola Dominical e a Imprensa Metodista assumiu a responsabilidade direta das publicações para as escolas dominicais.”
- “De 79 a 82 a Escola Dominical passa a estar sob a Secretaria Executiva de Educação Cristã e suas revistas deixam de ser periódicos e passam a ser temáticas, ficando as igrejas livres para escolher os diferentes assuntos de acordo com os seus interesses.” A presente medida não ajudou o processo de integração da Escola Dominical. Pelo contrário, trouxe muitos problemas, especialmente penetrou nos arraiais da Igreja Metodista publicações não metodistas.
- “De 83 a 87 o processo de desestruturação e desintegração da Escola Dominical aprofunda ao permitir a legislação que cada igreja local regulamente por si mesmo o órgão.”
- “De 88 a 91, com a adoção da estrutura ministerial em todas as áreas da Igreja, a Escola Dominical continuou sem uma orientação definida válida para toda a Igreja.” A Avaliação Nacional promovida pelo Colégio Episcopal apontou que 96% das igrejas que participaram da referida avaliação responderam que as escolas dominicais mantiveram em funcionamento. Nesse período, a avaliação apontou, também, que houve queda nacional tanto no número como na matrícula de nossas escolas dominicais.
- “De 92 a 97 com a criação da Coordenação Nacional de Ação Docente, a Escola Dominical começa a experimentar um processo de recuperação em toda a Igreja.” Na realidade, nesse período com a motivação programática da Ação Docente a Escola Dominical passa a fazer parte da agenda da Igreja. Inclusive, no ano de 1993 o Colégio Episcopal lançou a campanha: “A Escola Dominical em Estudo: Relembrar – Refletir – Recriar”, com o objetivo de levar-nos a redescobrir o papel da Escola Dominical numa Igreja de Dons e Ministérios.
- 98... O 16º Concílio Geral da Igreja Metodista realizado em Piracicaba/SP, fortalece a dinâmica da Ação Docente da Igreja e, especialmente, em nível regional cria o Departamento de Escola Dominical, sob a orientação da Coordenação Regional de Ação Docente. Nesses últimos anos há uma forte campanha, a fim de recolocar a Escola Dominical como instrumento importante na ação docente da Igreja. O Congresso Nacional de Escolas Dominicais é um exemplo desta iniciativa. Nessa perspectiva, o Bispo Paulo Ayres ressalta: “resta sabermos de forma mais criteriosa se a recuperação do número e da matrícula das escolas dominicais metodistas verificada no período de 91-96 está tendo continuidade no presente exercício, indicando assim uma tendência ascendente para o processo de retomada da importância do órgão para a vida da Igreja, da credibilidade e aceitação pelas lideranças clérigas e leigas das publicações metodistas para o setor, e da eficácia na capacitação teológica para a prática missionária ministerial dos metodistas brasileiros.”. Eis o grande desafio.

III. CONCLUSÃO

Esta longa abordagem colocando a caminhada histórica da Escola Dominical, nos aponta muitos desafios que certamente serão motivos de análise por este Congresso Nacional de Escola Dominical. Assim, ressaltou:

- a) a Escola Dominical não pode e não deve ser um apêndice na vida da Igreja. Ela precisa ocupar o seu espaço preponderante em termos da capacitação dos membros da comunidade para a missão;

Escola Dominical feita pra mim e pra você



b) faz-se necessário recuperar, a partir do órgão da Escola Dominical, uma estrutura pedagógica motivadora, especialmente no que diz ao corpo docente. Parece-me que João Wesley tinha muita razão quando testemunhou sobre o papel da Escola Dominical logo no seu nascimento: “estou sinceramente convencido de que essas Escolas Dominicais são a instituição mais nobre, vista desde alguns séculos na Europa, e crescerão cada vez mais, contanto que os seus professores e dirigentes cumpram o seu dever”. As palavras de Wesley ressoam como um grande desafio contemporâneo para nós hoje. (Precisamos de uma organização que possa investir no recurso humano;

c) neste tempo que a Igreja Metodista reestuda a importância do discipulado não podemos esquecer do papel histórico e contemporâneo da Escola Dominical. Não podemos dissociar este “projeto” da dinâmica da Escola Dominical. A Escola Dominical sempre foi um espaço do discipulado, especialmente vigoroso, levando-se em conta os aspectos teóricos e práticos;

d) finalmente, será necessário recolocar perante a Igreja o seu conceito de Educação Cristã à luz do Plano para Vida e Missão da Igreja: “A Educação Cristã é um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e comunidade. Ela se dá na caminhada da fé, e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras”.

“Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens e mulheres, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade, e purificar para si mesmo um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.” (Tito 2.11-14).

Páscoa de 2001.

Adriel de Souza Maia, Bispo.

IV. BIBLIOGRAFIA

ANDERS, Rodolfo. **A Escola Dominical**, Confederação Evangélica do Brasil. Biblioteca de Educação Religiosa, Rio de Janeiro, RJ.

BAEZ-CAMARGO, Gonçalo. **Princípios e métodos da educação cristã**. Rio de Janeiro, Confederação Evangélica do Brasil, 1945.

Colégio Episcopal da Igreja Metodista. **Escola Dominical em Estudo**. São Paulo-SP, 1993.
_____ **A igreja Metodista e sua Organização**. São Paulo - SP, 1998.

HOECHNE, F.C. **Sementes e flores para a Escola Dominical**. São Paulo, sem editora.

HAHN, Carl Joseph. **História do Culto Protestante no Brasil**. Trad. Antônio G. Mendonça, São Paulo. Aste, 1970.

IGREJA METODISTA, **Plano de Vida e Missão da Igreja**, UNIMEP – 1982.



JUNKER; Célia Bretanha S. **O Papel da Escola Dominical como agência: uma contribuição para a formação cristã de homens e mulheres.** São Bernardo do Campo – IMS, 1989.

KENNEDY, J.L. **Cincoenta anos de methodismo no Brasil,** São Paulo, Imprensa Metodista, 1928.

MATTOS, Paulo Aryes. **Mais de um Século de Educação Metodista,** COGEIME, Piracicaba, SP. 2000.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil.** São Paulo, Aste, 1984.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



O VALOR EDUCACIONAL DAS HISTÓRIAS

Profa. Nelma Paula de Almeida Valentim

Tomando por base o livro Técnicas de contar histórias – um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história de Vania D’Angelo Dohme, temos a compreensão de que as histórias são excelentes ferramentas de trabalho na tarefa de educar e vários motivos existem para isso:

- As crianças gostam muito
- Levam a uma empatia com os alunos
- A variedade de temas é praticamente inesgotável
- Pouca exigência de recursos materiais para sua aplicação
- Os vários aspectos educacionais que podem ser focados

Por meio dos exemplos contidos nas histórias, as crianças adquirem maior evidência. O contato com os impulsos emocionais, as reações e os instintos comuns aos seres humanos e o reconhecimento dos fatos e efeitos causados por estes impulsos são exemplos de vida.

Segundo a autora, as histórias são muito úteis para trabalhar os seguintes aspectos internos da crianças:

- **Caráter:** Histórias escolhidas de feitos heróicos, conteúdos que encerram lições de vida, fábulas em que o bem prevalece sobre o mal são lições que as crianças absorvem. Por meio das histórias, os meninos defrontam-se com situações fictícias e percebem as várias alternativas que elas oferecem, podendo antever as conseqüências que a decisão por cada uma delas trará. Com isso adquirem vivência e referências para montar os seus próprios valores.
- **Raciocínio:** As histórias mais elaboradas, de enredos intrigantes, agitam o raciocínio das crianças, que as acompanham mentalmente, interrogando-se como agiriam naquela situação.
- **Imaginação:** os meninos ouvem atentos as narrações e com isso acompanham-nas mentalmente. Desta forma consegue-se situações verdadeiramente formidáveis! Com elas podemos transitar pelo tempo e o espaço, estando ora na pré-história, ora pisando em galáxias estranhas. Podemos “bater um papo” com Hércules, participar de rituais indígenas ou conhecer a selva. Nas histórias tudo é possível!

O exercício da imaginação traz grande proveito às crianças, primeiro porque atende a uma necessidade muito grande que elas têm de imaginar. As fantasias não são somente um passatempo; elas ajudam na formação da personalidade na medida em que possibilitam fazer conjecturas, combinações, visualizações como tal coisa seria “desta” ou “de outra forma”.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



de situações alheias à sua realidade, uma vez que podem “navegar” em diferentes culturas, classes sociais, raças e costumes.

- **Criatividade:** Uma vez que a criatividade é diretamente proporcional à quantidade de referências que cada um possui, quanto mais “viagens” a imaginação fizer, tanto mais aumentará o “arquivo referencial” e, conseqüentemente, a criatividade.

As histórias aumentam o horizonte dos ouvintes, com elas: eles “conhecem a China”, “pisam na Lua”, voam através do tempo, da pré-história aos dias de hoje, travam conhecimento com fadas, duendes, monstros e heróis.

Estas emoções semeiam a imaginação e estimulam a criatividade.

- **Senso Crítico:** A cada dia que passa assistimos abismados à falta de senso crítico nos indivíduos. Aumenta a procura de elementos massificantes, tais como grifes e modismos, tolhendo e até envergonhando o indivíduo de ter as suas próprias idéias.

É preciso que as pessoas tenham olhos para ver a realidade da sociedade que as cerca, identificando as atitudes que levam à prosperidade, para incentivar estas e reprimir as danosas, e saber manejar as suas opiniões, para que em conjunto com o pensamento dos demais, possam ter uma vida útil e feliz.

As histórias atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, porque por meio delas os alunos tomam conhecimento

A visão de outras realidades fará com que vejam “os dois lados de uma mesma moeda”, gerando tomadas de posições e construindo uma personalidade ativa.

- **Disciplina:** É entendida como aceita e praticada espontaneamente pela criança e não como algo imposto inquestionavelmente pelo educador.

No momento que trabalhamos com algo que a criança realmente gosta, que sente que foi preparado com carinho para ela, as chances de ter uma postura atenta e participativa aumentam muito.

Ela não irá gritar ou fazer algazarra se tiver algo muito mais interessante para fazer: ouvir uma história!

Algo que ela espera ser interessante, porque confia que foi preparado especialmente para ela e para o seu grupo.

A situação fará a criança perceber que existe momento para tudo: brincar, se divertir e também para prestar atenção, e o que é melhor: que vale a pena prestar atenção!



Isso contribuirá para o aumento de sua capacidade de concentração e para o desenvolvimento de uma atitude crítica em relação ao seu comportamento e ao dos demais, ou seja, levará a uma disciplina consciente e assumida pela própria criança.

Transmissão de valores através das histórias

Para Vania Dohme, os valores são fundamentos universais que regem a conduta humana. São elementos essenciais para viver em constante desenvolvimento, baseada no alto conhecimento em direção a uma vida construtiva, satisfatória, em harmonia e cooperação com os demais.

Segundo a autora, fazer uma análise de quais valores desejaríamos passar por meio de um processo educacional demandaria uma maior reflexão, mas algumas indagações podem ser feitas:

- Quais os valores que importam? O que é importante para mim como educador?
- Que tipo de valores eu reconheço como importante nos demais?
- Quais deles eu gostaria de ajudar a construir?
- Quais são adequados a uma criança?
- Quais deles eu posso transmitir por meio de um processo educacional, levando em conta os meus recursos materiais e humanos?

As repostas não serão iguais de uma pessoa para outra, mas certamente muito semelhantes. De um modo geral, começar a preocupar-se com a transmissão de valores é o grande passo, o envolvimento com a matéria será natural e a satisfação que o retorno das crianças proporcionará será uma mola propulsora para o constante desenvolvimento no trabalho com valores na educação.

Alguns autores oferecem sugestões que podem servir de base para reflexão e escolha. De qualquer forma e eleição de determinado valor não deve ser um processo isolado. Ela deve fazer parte de um planejamento em que se levam em conta as características dos alunos, o conjunto de objetivos educacionais e os recursos disponíveis. Na medida do possível, a participação dos pais no processo de escolha e o envolvimento na aplicação são altamente desejáveis.

A autora apresenta, em ordem alfabética, alguns valores que devem ser trabalhados com crianças:

- **Alegria:** Boa disposição para fazer as coisas. Propensão a ver e mostrar o lado divertido das coisas.
- **Amor:** Desejar o bem para outras pessoas. Ter apego às suas produções e bens, ao meio em que se vive e às pessoas.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



- **Compartilhar:** Dividir suas coisas com os demais. Reconhecer o direito ou o legítimo desejo das outras pessoas usufruírem igualmente de pertences ou oportunidades.
- **Confiabilidade:** Ter uma conduta constante e verdadeira, capaz de conquistar crédito de um bom procedimento.
- **Cooperação:** Capacidade a atuar com outras pessoas de forma consistente e produtiva.
- **Coragem:** Resolução, perseverança, constância e firmeza perante situações novas e desafiantes.
- **Cortesia:** Ser afável, atento e bem-educado.
- **Disciplina:** Obedecer a ordens preestabelecidas, combinadas e anteriormente aceitas. Capacidade de praticar atos que resultem no aprimoramento de si próprio ou de sua comunidade.
- **Honestidade:** Apropriar-se exclusivamente do que lhe pertence. Conhecer os limites de suas propriedades em relação às de outras pessoas. Ter atitudes coerentes com o seu pensamento e suas convicções. Compartilhar os seus sentimentos de forma verdadeira.
- **Igualdade:** Reconhecimento de direitos iguais a todas as pessoas. Não se ater a preconceitos e tratar as pessoas da mesma forma.
- **Justiça:** Capacidade de fazer julgamentos desassociados de seus próprios interesses. Ter sensibilidade e disponibilidade para ouvir e entender as razões que levam outra pessoa a determinada conduta. Capacidade de dar a cada um o que lhe pertence.
- **Lealdade:** Amor e fidelidade à verdade. Incapacidade de trair, falsear ou enganar.
- **Limpeza:** Reconhecer os benefícios da limpeza interna e externa. Ter atitudes para obtê-las.
- **Misericórdia:** Reconhecimento e compaixão pelas necessidades alheias. Aceitação e compreensão das limitações dos demais.
- **Paciência:** Ter resistência para suportar os reveses. Tranquilidade para esperar. Aceitar as características e limitações dos demais. Entender que cada um tem o seu “ritmo” e saber conviver com isso.

Escola Dominical feita pra mim e pra você



- **Paz:** capacidade de reconhecer os benefícios da harmonia e trabalhar em prol dela.
- **Respeito:** Atenção às outras pessoas. Consideração pelas suas atitudes e ações.
- **Responsabilidade:** Estar consciente de suas obrigações e disposto a trabalhar por elas. Estar comprometido com aquilo que afirma e com a forma com que se comporta.
- **Solicitude:** Estar disposto a ajudar e fazer favores, prestar voluntariamente um serviço ao próximo.
- **Tolerância:** Respeito e consideração pelas opiniões e atitudes dos demais.

As histórias infantis e a transmissão de valores

As histórias são úteis na transmissão de valores porque dão razão de ser aos comportamentos humanos. Tratam de questões abstratas, difíceis de serem compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto.

A criança é incapaz de raciocinar no abstrato. Assim, virtudes, maus hábitos, defeitos ou esforços louváveis que interferem no comportamento social do indivíduo, gerando consequências na sua vida, não podem ser entendidos com esta clareza pelas crianças. Falta referencial capaz de associar uma questão de comportamento a um fato: Fulano agiu assim e deu-se mal... a falta de lealdade de Beltrano fez a verdade vir à tona...

Se nós adultos, com tanta vivência, muitas vezes nos perdemos na tentativa de associar tendências a fatos, tendo dificuldade de prever se determinada atitude levará à melhor situação, o que pensar das crianças com pouca experiência e com um mundo todo a descobrir!

A história traz o abstrato ao entendimento das crianças, e com isso municia-as com experiências que aumentarão a sua vivência, aumentando suas possibilidades dentro do relacionamento social.

O trabalho com estas figuras que sintetizam uma série de conceitos também proporcionará ao educador um maior conhecimento de suas crianças, que, expressando suas opiniões dentro do concreto que é a temática da própria história, manifestarão os sentimentos abstratos que provocam o seu íntimo.

Em última análise, as histórias ensinam a criança a crescer e a pensar.

Bibliografia:

VANIA D'ANGELO DOHME, Técnicas de contar Histórias, 5ª ed., São Paulo, Informal Editora, 2000.

Escola Dominical feita pra mim e pra você

